



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE PLANALTINA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

NELCINA DOS SANTOS ROSA

A DANÇA DA SUSSA NO VÃO DE ALMAS: uma tradição que deve ser preservada para o fortalecimento da identidade cultural do povo Kalunga



Fonte: Nelcina Santos (2022)

NELCINA DOS SANTOS ROSA

**A DANÇA DA SUSSA NO VÃO DE ALMAS: UMA TRADIÇÃO QUE
DEVE SER PRESERVADA PARA O FORTALECIMENTO DA
IDENTIDADE CULTURAL DO POVO KALUNGA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade UnB Planaltina como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciada em Educação do Campo - área de Linguagens.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Osanette de Medeiros

Orientador: Prof. Me. Valdir Fernandes da Cunha

Planaltina
2023

NELCINA DOS SANTOS ROSA

**A DANÇA DA SUSSA NO VÃO DE ALMAS: UMA TRADIÇÃO QUE
DEVE SER PRESERVADA PARA O FORTALECIMENTO DA
IDENTIDADE CULTURAL DO POVO KALUNGA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo à Faculdade UnB Planaltina como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciada em Educação do Campo - área de Linguagens.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Osanette de Medeiros

Orientador: Prof. Me. Valdir Fernandes da Cunha

Aprovada em 21 de dezembro de 2023

Banca Examinadora

Maria Osanette de Medeiros

Prof^a Dr^a Maria Osanette de Medeiros (UnB)
Orientadora

Prof^o Me. Valdir Fernandes da Cunha (Comunidade - Colégio Estadual Calunga 1)
Orientador

Prof. Dr. Rafael Litvin Villas Bôas (UnB)
Examinador

Prof^a Ma. Wanderléia dos Santos Rosa (Comunidade)
Examinadora

Dedico este trabalho ao meu Pai Camilo dos Santos Rosa que faleceu antes de terminar o curso e a todo o meu povo Kalunga, pela resistência, principalmente às mulheres mães que sempre se mantiveram na luta pelos seus direitos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar sempre comigo guiando-me pelo caminho certo. Obrigado, Senhor!

Agradeço às minhas filhas, Camila Fernandes e Mônica Fernandes e família, e aos amigos, que sempre torceram por mim, ajudando-me a enfrentar as lutas e conseguir minha vitória. À minha mãe Romana que sempre me deu o ombro amigo. Aos meus irmãos, que me davam forças para seguir, apesar das dificuldades, Romilda, Romes, Reinaldo, Rilda. E meu guerreiro pai que partiu logo que ingressei na universidade.

À minha cunhada Niécia Pereira e meu irmão Romes Santos que me hospedaram em sua casa para eu fazer o estágio 1 e 2 e contribuíram com as correções nos textos quando precisei, gratidão. Aos professores de estágio 1, 2, 3 e 4 da comunidade Kalunga Vão de Almas. Ao meu compadre Domingo Ribeiro e minha comadre Camilce Santos, que me cederam sua casa para eu fazer os estágios curriculares 3 e 4, gratidão por tudo.

Agradeço também à minha amiga Simone Soares e ao meu amigo Jailson Belfort por me darem força e ajudar nessa caminhada.

Também não poderia faltar o agradecimento à turma Marielle Franco, cada um teve um significado importante na minha jornada. Uns menos outros mais. O importante é que conquistei pessoas maravilhosas com muita honra. Fiz amizade que vou levar para minha vida inteira.

Agradeço imensamente a todo suporte que a UnB proveu-me, ela foi uma casa, uma mãe, um abrigo que tive por muitos anos. Nela ganhei conhecimento, condições para me manter no curso e também pude descobrir meus limites, minhas paixões, meus ódios e minha garra. Não foi uma trajetória fácil, passei por muitas dificuldades físicas, mentais e financeiras. Mas sem esta trajetória e o apoio da Instituição eu não teria nada do que conquistei até hoje.

Agradeço ao Decanato de Extensão (DEX), Decanato de Assuntos Comunitários (DAC), Diretoria de Desenvolvimento Social (DDS), Restaurante Universitário (RU), Biblioteca Central (BCE) pelos anos de apoio.

“Nós somos o começo, o meio e o começo. Existiremos sempre, sorrindo nas tristezas para festejar a vinda das alegrias. Nossas trajetórias nos movem, nossa ancestralidade nos guia.” (Mestre Antônio Bispo dos Santos)

Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. (Paulo Freire Pedagogia da esperança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 10).

RESUMO

Esta monografia intitulada “A dança da Sussa no Vão de Almas: uma tradição que deve ser preservada para o fortalecimento da identidade cultural do povo Kalunga” resulta da pesquisa realizada na comunidade Quilombola Kalunga Vão de Almas, município de Cavalcante, situado no nordeste do estado de Goiás, tendo como objetivo geral analisar a importância da Sussa para a comunidade Vão de Almas, a fim de mostrar aos jovens a importância dessa Cultura para manter a memória e identidade do Povo Kalunga, e por isso, não pode se acabar. A metodologia com abordagem qualitativa consistiu em revisão bibliográfica e trabalho de campo com entrevistas semiestruturadas com 9 pessoas, em grupos de 3, por faixa etária. Alguns resultados indicam que há um desinteresse dos jovens pela Sussa e que é importante preservar essa Cultura ancestral, que aos poucos vem sendo esquecida e o registro da dança poderá contribuir para o envolvimento dos jovens.

Palavras-chave: Sussa. Identidade cultural. Quilombola Kalunga.

ABSTRACT

This monograph entitled “The Sussa dance in Vão de Almas: a tradition that must be preserved to strengthen the Cultural identity of the Kalunga people” results from research carried out in the Quilombola community Kalunga Vão de Almas, municipality of Cavalcante, located in the northeast of the state of Goiás, with the general objective of analyzing the importance of Sussa for the Vão de Almas community, in order to show young people the importance of this Culture to maintain the memory and identity of the Kalunga People, and therefore this cannot end. The methodology with a qualitative approach consisted of a bibliographic review and fieldwork with semi-structured interviews with 9 people, in groups of 3, by age group. Some results indicate that there is a lack of interest among young people in Sussa and that it is important to preserve this ancestral Culture, which is gradually being forgotten and recording the dance could contribute to the involvement of young people.

Keywords: Sussa. Cultural identity. Kalunga Quilombola.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Grupo itinerante da Sussa durante o festejo de Nossa Senhora d'Abadia (tocando, cantando e dançando a Sussa).....	19
Figura 2 - Pronta para dançar Sussa	30
Figura 3 - Brígida Dias dos Santos - canta e dança Sussa.....	42
Figura 4 - Romana dos Santos Rosa - canta e dança Sussa	43
Figura 5 - Getulino de Souza Ribeiro - toca, canta e dança Sussa.....	44
Figura 6 - Niecia Pereira dos Santos - dança Sussa	45
Figura 7 - Romes dos Santos Rosa - toca, canta e dança Sussa.....	46
Figura 8 - Valdir Fernandes da Cunha - toca, canta e dança	47
Figura 9 - João Paulo Fernandes dos Santos - toca e dança Sussa	49
Figura 10 - Mônica Fernandes dos Santos (blusa azul e Layce Rodrigues da Cunha (blusa estampada) - as duas dançam Sussa.....	50
Figura 11 - Violão.....	73
Figura 12 - Pandeiro	73
Figura 13 - Bruaca - tocada por mulheres	74
Figura 14 - Caixa (Tambor).....	74

LISTA DE SIGLAS

ALEGO - Assembleia Legislativa do Estado de Goiás
AKC - Associação Kalunga de Cavalcante
AKCVA - Associação Kalunga Comunitária Vão de Almas
AQK - Associação Quilombo Kalunga
DAC- Decanato de Assuntos Comunitários
DDS - Decanato de Extensão
DEX - Decanato de Extensão
EPOTECAMPO - Associação de Educação do Campo do Território Kalunga e Comunidades Rurais
FUP - Faculdade UnB de Planaltina
GO - Grupo de Organicidade
IOC - Inserção Orientada na Comunidade
IOE - Inserção Orientada na Escola
LEDOC - Licenciatura em Educação do Campo
MESPT - Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
ONU - Organização das Nações Unidas
RU - Restaurante Universitário
SHPCK - Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga
TC Tempo Comunidade
TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TO - Teatro do Oprimido
TU - Tempo Universidade
UFT - Universidade Federal do Tocantins
UnB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Contexto da pesquisa e justificativa	13
1.2 Problema e questões de pesquisa.....	22
2. METODOLOGIA	26
2.1 Entrevista semiestruturada e instrumentos.....	27
3. MEMORIAL: trajetória de vida e como venho me constituindo educadora e pesquisadora	28
4. TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE: a base da nossa resistência	32
4.1 Educação do Campo, Escola do Campo e LEdoC	35
4.2 Teatro do Oprimido	39
5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	40
5.1 Perguntas 1 e 2:	52
5.2 Você tem alguma música que gosta mais de dançar? Qual?	55
5.3 Quais as músicas que seus pais cantavam para você dançar?	57
5.4 Houve alguma mudança na dança dos antepassados até hoje? Qual ou Quais?.....	60
5.5 Pode falar um pouco da sua trajetória na dança Sussa?	61
5.6 Síntese e sugestões	63
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
7. REFERÊNCIAS	67
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido das/os Participantes da Pesquisa.....	71
APÊNDICE B - Roteiro das Entrevistas para três grupos; pessoas mais velhas, pessoas adultas e pessoas jovens.....	72
ANEXO 1 - Instrumentos da Sussa (figuras de 11 a 14)	73

1. INTRODUÇÃO

O tema em estudo “A dança da Sussa no Vão de Almas: uma tradição que deve ser preservada para o fortalecimento da identidade cultural do povo Kalunga” surgiu de uma inquietação que não é só minha, mas de alguns moradores da comunidade Vão de Almas, especialmente as pessoas mais velhas. Antes de entrar no tema propriamente quero explicar como foi construída a foto da capa.

Pensei em fazer alguma coisa que tivesse a ver com a minha cultura. Com pano e lápis comecei a desenhar. Reuni pedaços de pano, linhas e agulhas coloquei em prática o que veio à minha cabeça. Fiz o desenho de duas mulheres caracterizadas, vestidas com saia rodada estampada, blusa colorida, acessórios, turbante e pés descalços. Do lado esquerdo uma árvore seca, pois na época das festas elas já estão com as folhas caindo. Do lado direito, o mastro com sua bandeira, um litro de cachaça e um copo para servir assim que levanta o mastro. Acima do mastro, por ser levantado à noite, estão as belas estrelas e a lua. E em baixo as gramas com algumas sementes e flores. Esse é o cenário típico dessa época dos festejos. Fiz a foto e coloquei na capa. A intenção foi trazer a beleza e a alegria da dança, estampada no colorido das saias e nos movimentos circulares que encantam, com os rodados, um bailado leve, solto e firme, parece que estão voando, com a leveza dos pés no ar e a firmeza no chão. Como diz Dona Dainda “[...] Tem muita muié boa pá dança. É muié que pisa leve no chão, Fazer o corpo leve, na hora de rodar pé no chão, se tiver o corpo pesado não é boa dançadeira, tem que sê bem leve.” (Dainda, *In*: Saraiva, Cavalcanti, Rosa, 20121).

A Sussa é uma manifestação cultural que combina ritmo, movimento e expressões corporais, sendo uma forma de entretenimento e resistência. É um meio de transmitir valores de geração para geração, trazendo as “[...] marcas de uma ancestralidade ligada à história e à cultura de singularidade”. (Cunha, 2018, p. 22). É na luta e na resistência que a identidade Quilombola Kalunga vai se construindo, como sublinha Cunha (2018, p. 22) “Somos povos que juntos sorrimos, choramos, festejamos, brincamos, rezamos”.

A Sussa é uma dança com passos cadenciados que produzem movimentos leves e vigorosos. A dança é acompanhada por músicas que evocam a história e a vivência do povo Kalunga, preservando sua memória. A dança é uma oportunidade

para a comunidade fortalecer laços e celebrar suas raízes. É sempre um momento agregador, festivo, cultural, pedagógico e educativo em que a alegria e os saberes ancestrais se entrecruzam para lembrar aos mais velhos e ao mesmo tempo revigorar essa tradição e manter viva essa dança tão alegre e vigorosa. É também momento de mostrar aos mais novos o significado e a importância de manter viva essa tradição e reforçar os valores do Povo Quilombola Kalunga.

Tratando-se da realização da Sussa os mais velhos saem na frente das gerações mais novas quanto ao jeito de tocar, de cantar e de dançar. Os mais idosos são as pessoas que dançam mais bonito manifestando prazer e alegria a cada movimento acompanhando cada detalhe das batidas dos instrumentos. Cada momento que vemos os nossos mais velhos dançarem, sabemos que, mesmo a gente bem familiarizada com a dança, ainda tem muito que aprender com os nossos mestres do saber tradicional. As danças e cantorias acontecem durante as festas e romarias e também na passagem da folia, em que os donos da casa recebem os foliões e em agradecimento eles cantam para os donos da casa dançar.

Assim, esta pesquisa teve a intenção de registrar a Sussa para manter viva essa memória e não deixar que nossa ancestralidade se perca, tendo como objetivo geral analisar a importância da Sussa para a comunidade Vão de Almas a fim de mostrar aos jovens que essa Cultura não pode se acabar. Os objetivos específicos foram: investigar as razões pelas quais os jovens não se interessam pela Sussa, registrar o passo a passo da dança Sussa para que a geração atual e as próximas preservem esse bem cultural na comunidade Kalunga Vão de Almas, mostrar para os jovens o valor cultural da Sussa como herança dos nossos ancestrais para que ela seja preservada e contribuir para que a Sussa seja vista como conhecimento que circula na comunidade com o interesse de fortalecer e valorizar ainda mais a comunidade Kalunga Vão de Almas, propor estratégias para a promoção da Sussa entre as novas gerações. A metodologia, com abordagem qualitativa, consistiu em revisão bibliográfica e trabalho de campo para realização de entrevistas semiestruturadas com 9 (nove) pessoas, em grupos de 3, por faixa etária, jovens, adultos e pessoas idosas.

Este trabalho está organizado em introdução, em que apresento o tema e falo da produção da capa, objetivo geral e objetivos específicos, contexto e justificativa, problema e questões de pesquisa. A metodologia, no item 2. No item 3 apresento o meu memorial, com parte da minha trajetória de vida e como venho me constituindo

educadora e pesquisadora. No item 4 trago referencial teórico, com os principais autores utilizados na construção do texto, para fundamentação, seguida dos resultados da pesquisa, com análise e interpretação dos dados, item 5. Por fim, apresento as considerações acerca do que foi produzido durante a pesquisa e, em seguida, as referências utilizadas. Ao final encontra-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no apêndice A e roteiro das entrevistas semiestruturadas, no apêndice B. Encerro com fotografia dos instrumentos utilizados na Sussa (anexo 1, figuras de 11 a 14).

Por ser parte da pesquisa e estar diretamente envolvida com o tema, em alguns momentos uso a primeira pessoa do singular. Em outros momentos uso a primeira pessoa do plural, quando me refiro ao conjunto da comunidade ou ao povo Kalunga. As palavras Sussa, Quilombola, Kalunga, Cultura, Povo, Território (em alguns momentos) aparecem com a inicial maiúscula no texto, por entender que são nomes próprios, pela forma como são tratadas neste texto.

1.1 Contexto da pesquisa e justificativa

A comunidade Kalunga Vão de Almas, cenário da pesquisa, é originalmente formada por negros descendentes de pessoas escravizadas que fugiram do cativeiro e organizaram um quilombo na região da Chapada dos Veadeiros no nordeste de Goiás. Procuravam locais de difícil acesso, abrigo na mata, em região montanhosa, dando-se início à “formação dos quilombos, no município de Cavalcante, na região conhecida como Morro do Chapéu (hoje município de Monte Alegre), formando assim o povo Kalunga nessas regiões.” (Costa, 2013, p. 14, grifo do autor). Vilmar Souza Costa (2013), em seu Trabalho de Conclusão de Curso da LEdoC - UnB, intitulado “A Luta pelo território: histórias e memórias do povo Kalunga”, traz registros da história da luta e trajetória dos Quilombolas na conquista do Território Kalunga em Cavalcante-GO.

O autor registra que a procura pelos locais de difícil acesso, provocando o isolamento do povo Kalunga era uma forma de defesa contra senhores e jagunços por medo de serem escravizados novamente e, assim, serem tirados de seu Quilombo.

Vão de Almas integra o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga

(SHPCK), constituído por mais de 20 comunidades nativas que preservam uma Cultura remanescente dos quilombolas, é uma das maiores riquezas culturais do município de Cavalcante. “Dentro do Quilombo são quatro os núcleos dos Kalungas: Vão de Almas, Vão do Moleque, Ribeirão dos Bois e Contenda” (Costa, 2013, p. 16), situados nos municípios de Monte Alegre de Goiás, Teresina de Goiás e Cavalcante.

A comunidade abriga em torno de 300 a 350 famílias que vivem no quilombo há mais de trezentos anos e sobrevivem de lutas e resistência. Toda a área ocupada foi reconhecida “[...] oficialmente desde 1991 pelo Governo do Estado de Goiás como sítio histórico: o patrimônio cultural Kalunga.” (Cunha, 2018, p. 35). Isso significa dizer que essa é uma parte essencial do nosso patrimônio e do patrimônio cultural brasileiro.

Essas famílias moram em casas do modo tradicional que são fabricadas de adobe e madeira da própria comunidade, localizada em uma das áreas habitadas de cerrado mais preservadas no estado de Goiás, constituindo uma vila com várias casas de tijolos de adobe, telhado de palha e chão de terra batida, construída pelos próprios Kalunga. (Cunha, 2018).

Valdir Fernandes da Cunha (2018), egresso da LEdoC, traz em sua dissertação de mestrado intitulada “Soberania e Segurança Alimentar na perspectiva dos jovens Kalunga da Comunidade Vão de Almas”, apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (MESPT) da UnB, contribuições acerca do território, situando Vão de Almas em relação à flora e fauna e como se dá a sobrevivência da comunidade considerando clima, vegetação, relevo, animais relacionados ao modo de vida do povo Kalunga, incluindo os costumes, as tradições na produção agrícola e na vida cultural.

Vão de Almas ocupa o maior quilombo em extensão territorial do Brasil, o Kalunga, e está localizado aproximadamente a 70 km da sede do município de Cavalcante-GO. (Costa, 2013). Em fevereiro de 2021, o local foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) “[...] como o primeiro Território e Área Conservada por Comunidades Indígenas e Locais (Ticca) do Brasil.” (Alego, 2021).

O município de Cavalcante, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população em 2010 era de 9, 392 com estimativa de 9,829 para 2017. A área total do município é de

6.953,666 km² e abriga cerca de 60% da área total do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV). (Gouveia, 2018, p. 41).

É um dos quilombos mais bonitos e ricos em cultura popular, cercado por montanhas, morros e rios, razão pela qual o acesso por transporte terrestre se tornava quase impossível. Sua vegetação de cerrado sofreu algumas modificações como: arado de terra, desmatamento nas beiras dos rios, plantios de capim, mas ainda é bastante preservada, banhada por grandes rios que cortam a comunidade e inúmeros córregos. Alguns dos rios são: Rio Paranã, Rio Branco, Capivara, Gameleira.

A comunidade caracteriza-se por um cerrado abastecido de diferentes espécies de árvores frutíferas nativas como: mangaba, araçá, mirandiba, jatobá, puxa-puxa e outros, e árvores não frutíferas como: tingui, sucupira, aroeira, tamboril e copaíba, entre outras variedades. Também tem uma fauna muito rica e dentre as espécies de animais, destacam-se: veado campeiro, lobo guará, raposa, cutia, tamanduá, tatupeba e tatu verdadeiro¹, seriema e uma infinidade de répteis, anfíbios e insetos.

Adão Fernandes da Cunha (2018) egresso da LEdoC UNB, em sua Dissertação de Mestrado em Sustentabilidade pela UnB, intitulada “O Calendário Agrícola na Comunidade Kalunga Vão de Almas: uma proposição a partir das práticas de manejo da mandioca”, chama a atenção para novas formas de fazer educação nas escolas Quilombolas. No seu entender o povo Kalunga deve assumir a responsabilidade e o compromisso com a própria história ancestral, com o Território e com a Cultura em uma ação pedagógica contra hegemônica e faz a seguinte reflexão:

Não nos cabe enquanto educadores nos acomodar com essa tentativa de prender os estudantes aos repasses de categorias de conhecimentos de segunda ordem, talvez inúteis a eles, enquanto pensamos que estamos causando revolução de pensamentos e de formação humana social. Cabe a nós, educadores, portanto, engajar nossos estudantes na luta pela descoberta e redescoberta dos próprios conhecimentos, aqueles de primeira ordem que realmente apresentam sentidos à suas vidas e seus modos de viver com liberdade, igualdade e fraternidade. E, de uma outra forma, dar sentido à construção dos novos conhecimentos e de uma nova ciência em transição. (Cunha, 2018, p 40)

¹ Os dois são o mesmo, só muda de tamanho. O tatu verdadeiro é maior e tatu bola menor. É assim que a comunidade chama esse tipo de tatu.

Essa reflexão de Adão fala da necessidade de uma política de educação Quilombola, com uma escola Quilombola, em que o Território seja o ponto central, com um projeto político e pedagógico vivo, voltado às especificidades do Povo Quilombola Kalunga, sua história, memória, sua cultura, identidade. Essa é uma discussão que precisa partir do Território e exige uma articulação envolvendo as esferas do poder municipal estadual e federal.

As pesquisas de Vilmar (Costa, 2013), Adão (Cunha, 2018) e Valdir (Cunha, 2018), contribuíram para este trabalho, enriquecendo as questões sobre o Território, o Povo, suas lutas e resistências, o modo como vivem, seus saberes, seus fazeres, quais os momentos de encontro, como se organizam para os festejos e as manifestações culturais representadas pelas rezas, folias e festas.

Costa (2013 p. 59), afirma que “as manifestações culturais Kalunga são representadas pelas rezas, folias e danças”. Essas tradições são transmitidas de geração a geração e se mantêm viva nas comunidades. As festas que acontecem que são das devoções aos santos que representam a fé. Com ela vêm a cura dos enfermos em cada localidade do território Kalunga, a religião predominante é a católica. Com isso, as primeiras folias a girar são: Santos Reis (1 a 6 de janeiro), Divino Espírito Santo em maio (não tem uma data, mas acontece sempre em um domingo). Santo Antônio (6 a 12/13 de Junho), São Sebastião (11 a 19 de julho), Nossa Senhora das Neves (1 a 5 de agosto), entre outras. Durante esses dias de giro, os moradores se preparam para receber o Santo em suas casas, dando bebida e comida aos foliões. É uma forma de agradecer pelos milagres realizados em suas vidas.

Além da igreja tem altar, bandeiras e Santos. No altar ficam os Santos, nas bandeiras pintura dos Santos que são símbolos da Fé, valores praticados pelas pessoas da comunidade, as divindades religiosas onde acontecem os rituais, pagam e fazem promessas as devoção. Os romeiros Kalunga durante esses eventos têm por tradição beijar a bandeira, nos “giros” da folia onde um grupo de foliões leva a bandeira em todas as casas da comunidade. Assim acontecem os rituais que fazem parte das crenças e alegram as pessoas das comunidades Kalunga.

As mulheres mais idosas dançam sempre sapateando e rodando sua saia, já os mais novos fazem uns dançados diferenciados, retorcendo e até mesmo pulando. A Sussa tem várias cantigas, algumas delas são mais cantadas dependendo da

ocasião como: festa de ano novo e até para o ano se Deus quiser é uma música cantada que a festa só acontece de ano em ano ela é uma despedida para o próximo ano que vem.

Segundo Baiocchi (2006) a Sussa também é sagrada e pode cumprir promessas dançando na hora de subir o mastro dança para que seja paga a promessa que foi feita para aquele momento. Na hora de dançar a maior participação é feminina, pois a participação dos homens é menor perante a presença das mulheres. “A população do Vão de Almas possui uma religião e uma força interior que leva as pessoas que ali vivem a tocar os instrumentos, cantarem os cantos e dançarem com muito respeito, amor, alegria e compreensão.” (Baiocchi, 2006, p. 45).

O boile também é uma dança típica da comunidade. O povo costumava dançar o boile, que é dançado como a Sussa, mas exige mais dos dançadores. Como na roda de folia e na Sussa, também no boile os cantadores cantam versos antigos e, ao mesmo tempo, vão tirando versos novos, improvisados.

São versos que falam de amor, mas também falam das pessoas presentes ou fazem comentários maldosos sobre a fidelidade ou a boa reputação de alguém, num desafio. Mas, no boile, quem dança também deve saber cantar, jogando um verso para outra pessoa que vem dançar na roda. (Brasil, 2001, p. 65).

Desde criança que eu via essa dança, mas ela já acabou na comunidade Vão de Almas. Faz um tempo que não a vejo mais. É uma brincadeira em que a pessoa vai cantando inventando o próprio verso e a outra pessoa vai respondendo e dançando ao mesmo tempo. A Sussa, assim como o boile, está sendo esquecida pelos jovens. Esse é um fator que preocupa os mais velhos. Eles se queixam e dizem que os jovens sentem vergonha de dançar a Sussa e preferem dançar os ritmos das músicas da cidade.

Wanderléa dos Santos Rosa (2013), Quilombola Kalunga do Vão de Almas, egressa da LEdoC UnB e mestra em Educação do Campo, também pela UnB, Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, fez sua pesquisa de conclusão de curso da LEdoC com o tema: Rezas, rezadeiras e juventude na comunidade Vão de Almas, Cavalcante - GO. Com essa pesquisa ela trás questões de registo das rezas tradicionais e sua relação com os jovens na comunidade Vão de Almas, para o fortalecimento da memória e preservação da história e tradição religiosa de Vão de Almas. A pesquisa de Wanderléa foi utilizada

neste trabalho como referência para as discussões que trago sobre o registro da Sussa.

Para fins desta pesquisa trago a Sussa como parte das atividades culturais da comunidade Vão de Almas, a minha comunidade, o lugar onde nasci e me criei. Conforme mencionei anteriormente, a Sussa é uma dança Kalunga que vem dos antepassados. Ela é cantada e dançada por ocasião dos festejos, folias e outras atividades da comunidade, após as rezas, giro da folia dos três Reis Magos, por exemplo, etc. Os homens dançam e tocam violão ou viola, pandeiro, caixa (tambor) e as pessoas presentes ali batem palmas. Já as mulheres tocam bruaca, cantam versos variados, alguns de devoção e outros “nada sérios”, mas divertidos. Elas dançam essas cantigas de várias maneiras. Com saias bem rodadas, litros de cachaça na cabeça e cantos, o grupo vai girando e marcando os passos ao som dos instrumentos. É assim que a diversão prossegue solta nas noites das festas.

A dança da sussa é composta de passos sapateados, que lembra o samba de roda ou uma dança de coco. São vários os adjetivos que as mulheres utilizam para descrever a forma correta de dançar a sussa. Estes adjetivos apontam para um padrão estético de elegância, que remete à leveza. Peneirar, passarinhar, ‘rodado que nem engenho’ são alguns dos termos usados para caracterizar uma sussa bem dançada. (Siqueira, 2006, p. 95, grifos da autora).

A figura 1 a seguir mostra a Sussa Itinerante durante o festejo de Nossa Senhora d’Abadia, que acontece no mês de agosto, envolve professores, estudantes e comunidade. Em 2018 teve início a Escola Itinerante do Vão de Almas, que atua durante os festejos, para que os estudantes não percam os dias letivos. Junto com essa Escola foi criada a Sussa Itinerante, como forma de envolver mais pessoas. Tanto estudante, quanto outras pessoas da comunidade, inclusive as pessoas mais velhas, que participam para que os mais novos possam aprender os passos da dança, Embora qualquer pessoa possa integrar o grupo e dançar junto com o grupo, existe uma intenção pedagógica, que é mostrar o valor desse bem cultural e reforçar a importância de preservar não só a dança, como as outras atividades.

Figura 1 - Grupo itinerante da Sussa durante o festejo de Nossa Senhora d'Abadia (tocando, cantando e dançando a Sussa)



Fonte: Nelcina Santos (2023)

Alguns jovens se envergonham de dançar a Sussa, isso porque com o processo da globalização, a cultura dos povos tradicionais não foi incluída, então foi criando uma alienação nas mentes dos que nasceram e cresceram junto com essa globalização. O surgimento do capitalismo trouxe revolução apenas para a cultura deles, ou seja, a cultura dominante. Essa dominação inibe os jovens, que acham feio tudo que é da sua cultura e dão lugar à cultura que trás outro padrão de consumo.

Lourdes Fernandes de Souza (2013), egressa da LEdoC UnB, apresenta em sua pesquisa de conclusão do curso o lugar que a cultura ocupa no território e na vida das pessoas e afirma:

O Quilombo Kalunga é considerado rico em diversidades de culturas e tradições como, por exemplo: dançar e cantar Sussa; os conhecimentos empíricos do modo de vida e da tradição cultural Kalunga: o casamento na fogueira, o uso de remédios caseiros, benzimentos, rezas, parteiras, folias, entre outros. Pode-se observar que esses saberes estão desaparecendo ao longo do tempo. Isso são consequências de influência externa, que está também nos acarretando vários problemas, alguns deles são a indústria cultural e a individualização humana. O que faz distanciar mais ainda da coletividade e dos saberes. (Souza, 2014, p. 20).

Essa dança, bem conhecida e praticada no Quilombo Kalunga nos municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre de Goiás. Ela é tocada normalmente após

os rituais religiosos para louvar e agradecer às divindades. Logo após, o povo entra no ritmo quente de saudação e diversão. Adão Fernandes da Cunha ressalta que

Nós, Kalunga, temos um histórico de vida e de luta profunda, baseada na cultura tradicional da pesca, caça, criação de animais, garimpo e principalmente na agricultura de subsistência. Existem também em nosso histórico outras formas de subsistência, como as crenças, os valores, as rezas, as relações culturais e sociais, as relações econômicas e políticas internas. Todas elas nutrem os sonhos, os espíritos e a alma de nos manter vivos e dar continuidade à vida desse povo na comunidade. (Cunha, 2018, p. 21).

Aos poucos essa dança, tão tradicional e de valor cultural inestimável, vem se perdendo. Por isso, é importante registrar passo a passo para que a geração atual e as próximas gerações a valorizem e que ela não só seja lembrada, mas praticada, vivida, para manter viva a memória desse legado dos nossos ancestrais. Além de ser herança dos nossos ancestrais, fazer parte das nossas lutas, aprendizados e resistências, ela é também um divertimento.

A Sussa Kalunga possui poucos registros referentes a seus cantos, modo de tocar os instrumentos e de dançar, ficando muitas vezes somente na oralidade e acaba se perdendo, ao longo do tempo, de uma geração a outra. Para preservar a memória ancestral do nosso povo é necessário fortalecer a memória coletiva da comunidade, por meio das manifestações culturais, representadas pelas rezas, folias e festas. A memória é guardiã, ela “[...] nos salva do esquecimento e da perda.” (Saraiva, 2010, p. 1).

Ao buscar o passado, são trazidas memórias de um tempo que revela quem somos e revela nossas experiências. A memória, em sua relação com a história, nos salva do esquecimento e da perda. Ela retém e preserva o tempo; transforma o passado em coisa viva, arraigada de experiências que revelam as ações dos sujeitos na história. (Saraiva, 2010, p. 1)

Nessa mesma obra e página, a autora diz que “[...] guardar na memória é tornar viva a relação entre a história, a memória e a identidade.” Seguindo o mesmo raciocínio Rosa (2013) entende e reafirma que o fortalecimento da memória é muito importante para o registro da história da comunidade e afirma que “[...] reconhecer e valorizar a cultura tradicional são formas de resistência de uma comunidade diante das possibilidades de perda da tradição das rezas nas festividades e nas práticas religiosa em geral.” (Rosa, 2013, p. 49).

Por ser uma dança feita pelos mais velhos, precisa ser preservada e mantida para que eles não percam ânimo no decorrer de sua vida. Se houver festa e

não tiver dança significa que a festa não vai ser boa. Por isso é importante manter as tradições para que essas pessoas vivam alegres e felizes, sintam que a sua cultura está viva e que sua identidade leva a marca dessa cultura.

Ao ver a perda de entes queridos e ver que com eles está indo embora parte da Cultura do povo Kalunga, me senti provocada a fazer a presente pesquisa e deixar registrada a dança Sussa. Esse é um conhecimento que nossos antepassados possuem sobre a Cultura do povo Kalunga e que estão guardadas somente nas suas memórias. No passado, a dança Kalunga foi transmitida de geração a geração, é uma prática adquirida ao longo de suas vidas, que está se perdendo com o passar do tempo por falta de registro. Ao mesmo tempo em que o registro não é determinante para a continuidade da Sussa, ele pode contribuir para que a dança se mantenha.

Nesse sentido, Wanderléia dos Santos Rosa, uma das produtoras do vídeo documentário do Grupo Flores e Frutos do Quilombo Kalunga (AQK, 2021), conta como surgiu esse grupo de Sussa. A pesquisadora relata que ao ingressar na Universidade de Brasília em 2009, para cursar Licenciatura em Educação do Campo percebeu que poderia tornar o que era uma atividade eventual em uma atividade de grupo, e assim, em 2010 passou a reunir crianças e adolescentes Quilombolas Kalunga em uma escola em Cavalcante (GO) para fazer parte da Sussa. Relata ainda que ao vivenciar na LEdoC os princípios do trabalho coletivo e da auto-organização percebeu que a estrutura do grupo da Sussa tinha esses dois princípios e pôde aprimorá-los no grupo. Esses princípios lhe deram mais instrumentos para continuar com o grupo da Sussa e fazer um trabalho sistemático e consistente. Em 2010 começou a realizar ensaios regulares com o grupo para apresentar nos festejos da comunidade Vão de Almas. No dia 12 de agosto de 2010 o grupo fez sua primeira apresentação pública no festejo.

A pesquisadora Wanderléia ressalta que, dessa forma os integrantes do grupo devem aprender a tocar os instrumentos e dominar suas habilidades como: cantar, dançar e tocar, pois os instrumentos fazem parte dos rituais tradicionais da Sussa e da história do povo Kalunga.

Outro trabalho produzido sobre a Sussa no Vão de Almas é de Diana Pereira das Virgens (2023), Quilombola Kalunga do Vão de Almas. Ela trás em seu Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Educação do Campo da UFT, *câmpus* Arraias, o seguinte temas: Saberes populares presentes na tradição da sussa na

comunidade kalunga Vão de Almas. Sua pesquisa surge da inquietação sobre o papel das novas gerações na preservação e valorização da cultura local. A pesquisadora diz que busca “[...] destacar a importância da inserção dos jovens ou sua participação nas tradições locais com o intuito de preservar a identidade.” (Virgens, 2023).

Os moradores mais antigos da comunidade preocupados com a perda da nossa cultura sentem a necessidade de repassar esses conhecimentos para as gerações atuais, contribuindo para manter viva a tradição do Povo Kalunga. Essa Cultura que também é uma diversão não pode ser apagada. Trata-se de valores coletivos expressos através dos gestos da dança e outras formas de viver em comunidade e coletivamente.

Assim, a justificativa desta pesquisa consiste em trazer a Sussa como parte das manifestações culturais do povo Kalunga para preservar a memória dos nossos antepassados. Por fim, considerando a relevância desse estudo, além do registro, essa pesquisa intenciona contribuir com a escola da comunidade no sentido de incluir nas atividades curriculares a Sussa como parte da identidade do Povo Kalunga.

1.2 Problema e questões de pesquisa

Um dos problemas relacionados à dança da Sussa é que as meninas, apesar de dançarem, sentem vergonha devido ao tipo de roupa que julgam ser para pessoas velhas. Já os meninos se envergonham de dançar e dizem que essa dança é dos velhos. Na sociedade capitalista, há uma tendência de desvalorização da cultura local em favor de uma cultura massificada ou padronizada.

Atualmente, quando acontece a dança da Sussa nos momentos culturais, meninos e meninas já estão querendo começar o forró ou até mesmo colocar um som mecânico para tocar outros ritmos como o *funk*. Com isso, muitas vezes a dança acaba sendo praticada mais pelos adultos e idosos. O saber tocar, cantar e dançar é praticamente desenvolvido com pouca participação dos jovens, e isso tem preocupado a comunidade em geral, por acreditarem que essa dança pode se perder.

Os jovens que moram fora por algum tempo já aderem a outras culturas, ou seja, acham novas danças mais atraentes e vai deixando a Sussa de lado. Quando

estes retornam para comunidade a passeios ou férias já não querem participar dos momentos culturais Kalunga e começam a fazer graças desconhecendo a sua identidade. Sabe-se que o mundo está em constante transformação e que outras culturas vão atrair nossos jovens. No intuito de fazer com que as pessoas responsáveis pelo futuro da comunidade não se percam por outros costumes esquecendo e desvalorizando a nosso, é que a presente pesquisa vem no âmbito de chamar a atenção deste público para o reconhecimento, a prática e a valorização da nossa identidade.

A chegada da estrada e da energia elétrica facilitou a entrada do som mecânico e automotivo, pois com a energia elétrica há como manter um som ligado a noite toda, podendo ligar os sons dos carros também e recarregar as baterias, para que a festa continue. Antigamente isso não era possível porque se usava lamparina já com a chegada da estrada vieram os geradores e eram poucas pessoas que tinham e não era suficiente para gerar energia para um som a noite toda.

Então, o acesso e melhoria das estradas foram um dos pontos para a inserção de outras culturas dentro da comunidade, como por exemplo, as festas promovidas com cantores “de fora”, de outras regiões, com seus instrumentos, a música eletrônica, entre outros. Além disso, a facilidade de entrar e sair da comunidade para outra cidade em maior quantidade de pessoas possibilitou que mais jovens conhecessem outros meios de diversão e trouxessem para a comunidade, fazendo esquecer a sua raiz principal.

Com isso, as pessoas mais novas interagem com outro meio social deparando-se com culturas diferentes desde que não se apropriem daquilo que vê de diferente e esqueçam as suas raízes. Neste contexto, a Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) tem ajudado bastante não só a comunidade como todo território Kalunga no fortalecimento, manutenção e valorização da identidade cultural de nosso povo. Nos dias atuais na comunidade as pessoas egressas e estudantes deste curso todos valorizam os nossos costumes participando de todos os momentos culturais, e também incentivam os jovens a participarem.

No texto Indústria Cultural e Educação do Campo, Faria (s/d) fala de como a Indústria Cultural age nas populações do campo e urbana de acordo com o objetivo que o sistema estabelece, manipulam o imaginário da população moldando a subjetividade de cada indivíduo. A autora ressalta a necessidade de

compreendermos as concepções e lógica de funcionamento da Indústria Cultural para um posicionamento de enfrentamento na batalha de ideias e ações.

A pesquisa de Souza (2014) intitulada “Letramento e história de vida: as memórias de Procópio dos Santos Rosa da comunidade Kalunga-Riachão Monte Alegre - GO”, discute a importância da valorização da cultura no Quilombo Kalunga e alerta para as influências da Indústria Cultural ao afirmar que de alguns anos para cá as tradições culturais do nosso Povo “[...] está sendo deixada pelos moradores, principalmente pelos jovens, influenciados pela Indústria Cultural, com a chegada das tecnologias na comunidade.” (Souza, 2014, p. 15).

A pesquisadora afirma, ainda que é preocupante ver todo esse legado ancestral ameaçado e diz que

[...] a falta de interesse em aprender esses saberes, parte da tradição cultural em que vivem: rezas, folia, Sussa, batizado, casamento na fogueira e outras práticas exercidas pelos mais velhos. E, isso traz muitas preocupações, porque os mais velhos, as pessoas que sabem e praticam esses saberes, estão morrendo. Esses saberes, com o passar do tempo, podem desaparecer da cultural local ancestral. (Souza, 2014, p. 15).

A discussão que apresento neste trabalho entende cultura e educação como fenômenos intrínsecos e a relação Indústria Cultural e Educação do Campo se dá na “[...] objetividade com que esse sistema se estabelece e se legitima. Pois quando falamos de Cultura e da Indústria Cultural, precisamos nos remeter ao território no qual essas práticas se relacionam efetivamente.” (Faria, s/d, p. 2). Essas práticas estão no cotidiano e estimulam outras formas de se manifestar, diferentes das manifestações de que trata a presente pesquisa. Há um entendimento no senso comum de que esse debate é parte somente do campo do imaginário, aqui me alinho ao pensamento de Faria (s/d) para dizer que as questões de pesquisa que apresento são objetivas, isto é, não estão somente no imaginário, pois “Estamos tratando da maneira de produzir e reproduzir nossa existência” (Faria, s/d, p. 2).

Portanto, há um consumo baseado nos valores dominantes, pela mão da Indústria Cultural que pode ser uma roupa de marca, acessórios, comida, dança, música. A entrada do som mecânico e do som automotivo nos festejos constitui parte do problema dessa pesquisa pela sua ligação direta com a Sussa, não só pela

alteração da sonoridade, em que outra estética sonora é criada, mas pelos rumos que os momentos culturais da comunidade tomam. Isso causa influência dessa estética sonora da Indústria Cultural momentânea, que confronta o trabalho de manutenção das tradições culturais dessas comunidades que tanto lutam pela preservação de sua ancestralidade.

Ainda de acordo com Faria (s/d) esse domínio se encontra nas escolas e se manifesta de diversas formas, em que o conhecimento crítico não é permitido, dando lugar às ideias conservadoras. Por isso é necessário compreender a Indústria Cultural a partir da sua complexidade para combatê-la.

As ideias apontadas por Faria (s/d) contribuem para pensar no desinteresse dos jovens pela Sussa e outras tradições culturais da comunidade. Há várias hipóteses para o não interesse dos jovens pela Sussa, uma delas é o fato de não ter o registro da Sussa da forma tradicional, com todos os passos, quem participa, como acontece, em que ocasião acontecem as danças e as cantorias. Talvez o registro possibilite aos jovens conhecer mais de perto essa tradição.

Segundo afirma Rosa (2013), as atividades culturais, rezas e tantas outras tradições “acontecem durante todo o ano na comunidade Vão de Almas, a exemplo das Romarias, festas dedicadas aos santos e santas da igreja católica, folias, casamentos na fogueira, batizados, festas de “**boca da noite**” e tantas outras tradições festivas e práticas religiosas”. (2013, p. 28, grifos da autora).

Boca da noite refere-se às rezas que acontecem em uma noite em louvor às santas e aos santos da Igreja Católica, com comidas e danças. Essas festas são realizadas nas casas das famílias da comunidade e a que envolve homens e mulheres. Durante o dia um coletivo muito bem articulado e organizado se divide em grupos de trabalhos. “Os homens carregam a água do rio e tiram a lenha para ser utilizada no preparo da comida e as mulheres se dividem para a decoração da casa e o preparo da comida.” (Rosa, 2013, p, 37)

As dificuldades de sobrevivência que a comunidade enfrenta levam ao afastamento dos jovens, que muitas vezes são obrigados a deixarem a comunidade e há vários fatores que contribuem para essa situação, um deles é a educação, a escola não oferece um ensino de qualidade, a falta de continuidade nos estudos também contribui para essa situação. Então, o jovem vai para a cidade em busca de melhor qualificação acadêmica e profissional. Outro fator é a falta de oportunidade para atividade que gere renda, pois o trabalho na roça é o principal meio de

subsistência da maioria das famílias. Ainda o incentivo por parte do poder público ou mesmo ausência ou insuficiência de políticas públicas no Território direcionado às comunidades, especialmente aos jovens.

A juventude da comunidade kalunga com as dificuldades (escolas, empregos, lazer) que os jovens encontram na comunidade faz com que eles desestimulam para a continuidade da vida no campo, pois existe uma ansiedade em busca da sua independência financeira , onde os jovens tem sonhos de ter bens materiais que na comunidade ele não vai ter essa oportunidade de ter, por não tem Mem uma política voltada para os jovens que mora no campo, onde eles possa estar tendo o acesso a esses bens materiais na sua própria comunidade junto com os seus familiares. (Costa, 2013, p. 61).

Esses fatores distanciam os jovens da nossa cultura e os que permanecem na comunidade pouco se envolvem com as atividades culturais, visto que talvez não estejam percebendo a importância da Sussa e as outras manifestações culturais. Aqui cabe uma questão: como fazer o jovem entender que a Cultura precisa ser valorizada dentro da comunidade para depois ter sua valorização na sociedade? Acredito que estamos diante de um desafio que envolve a juventude, os adultos e os mais velhos.

Diante dessas questões passei a trabalhar com as perguntas norteadoras da pesquisa, na busca de desvelar elementos que possibilitem compreender um pouco mais a Cultura Kalunga e como parte dessa Cultura, a Sussa, a saber: por que os jovens da comunidade Kalunga não estão interessados na Cultura dos seus ancestrais? É falta de interesse ou falta oportunidade na comunidade para que eles pratiquem a Sussa? Quem dará continuidade às tradições da comunidade e, em especial, a dança da Sussa, objeto desta pesquisa? Qual o papel da escola Quilombola na manutenção das tradições do povo Kalunga?

2. METODOLOGIA

Visando ao fortalecimento e à permanência da Cultura Kalunga na Comunidade Vão de Almas é necessário que se desenvolvam estudos que registrem o saber e o fazer desses quilombolas nas manifestações culturais que ocorrem no quilombo. Neste intuito é que a presente pesquisa consistiu em desenvolver um diálogo entre as gerações, relacionado à dança Sussa.

A opção pela abordagem qualitativa da pesquisa pareceu a melhor, em função do objeto de estudo que requer um olhar particular em uma dada realidade. Minayo (2009) entende que

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, que não pode ou não deveria ser qualificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2009, p. 21).

2.1 Entrevista semiestruturada e instrumentos

Foram realizadas entrevistas com 3 grupos de pessoas com a seguinte faixa etária: 3 pessoas acima de 50 anos, 3 pessoas acima de 30 anos e 3 pessoas jovens na faixa de 15 anos. O critério para escolher 3 pessoas em cada grupo foi baseado nas pessoas desses grupos que representam cada grupo da sua faixa etária. Os resultados das entrevistas serão compartilhados oportunamente com o grupo participante da pesquisa, com outras pessoas da comunidade e com a escola, para que se possa pensar em formas de mostrar aos jovens a importância que essa dança tem para o Quilombo, desde sua história até os dias atuais.

As entrevistas foram realizadas na casa de cada pessoa entrevistada, previamente agendada, exceto com João Paulo, que foi realizada na escola onde ele estuda, atendendo a seu pedido por uma questão de conciliação de agenda. No dia e hora combinados fui ao encontro de cada pessoa entrevistada e realizamos nossa conversa, falando de assuntos mais gerais para que nos sentíssemos à vontade. Em seguida me apresentei como estudante da Licenciatura em Educação do Campo da UnB, o motivo da entrevista e seus objetivos. Mesmo sendo membro da comunidade e pertencente à família de algumas das pessoas entrevistadas, quis fazer esse ritual de apresentação para dar crédito à pesquisa. As entrevistas foram gravadas em áudio mediante autorização prévia dos entrevistados, por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Apresentei o Termo, expliquei o que é esse documento e pedi para assinar. O Termo encontra-se no Apêndice A.

Os instrumentos utilizados foram celular para agendamento das entrevistas, usando WhatsApp para troca de mensagens, Gravador de voz e fotos. Algumas fotos foram cedidas pela própria pessoa entrevistada. O Diário de Campo também auxiliou no registro das entrevistas. Transcrevi as gravações e após, passei a construir tabelas e textos com esse material, juntamente com as notas do Diário de Campo, para análise dos resultados. As tabelas não foram usadas na construção do

texto monográfico porque a intenção era apenas organizar os dados das entrevistas para facilitar na organização do texto, análise e interpretação dos dados.

Com o resultado das entrevistas fiz o registro da Sussa passo a passo, como foi proposto nos objetivos específicos da pesquisa. Esses passos estão descritos ao longo do texto, em vários momentos, tais como: na introdução do trabalho, no referencial teórico e nas entrevistas.

A pesquisa teve um roteiro de questões norteadoras, para ser utilizado como apoio no momento das entrevistas, relacionadas aos objetivos específicos da pesquisa, no intuito de orientar para a obtenção das respostas. Perguntei se poderia gravar em vídeo ou em áudio. Os entrevistados preferiram gravar, alegando que se sentiriam mais à vontade.

3. MEMORIAL: trajetória de vida e como venho me constituindo educadora e pesquisadora

Apresento alguns momentos da minha história de vida, que me constituem como Quilombola Kalunga, as vivências e aprendizados na universidade, desde os primeiros momentos na Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), até o trabalho de conclusão do curso.

Sou Nelcina dos Santos Rosa, tenho trinta e seis anos, nasci na comunidade Vão de Almas, parto feito pela parteira Maria. Ela era uma das parteiras mais velhas e experientes da comunidade. Por isso a metade das crianças que nasciam era ela quem pegava e todos a conheciam na comunidade como mãe Maria.

Somos cinco filhos, sendo três mulheres e dois homens e eu sou a segunda. Eu e minhas duas irmãs estamos cursando a universidade. Sou estudante da turma Marielle Franco² (turma 12 e 13) da Licenciatura em Educação do Campo da UnB, e minhas irmãs Railda e Romilda são da turma Gabriela Monteiro (turma 14 e 15). Os dois irmãos Romes e Reinaldo já se formaram nas turmas Zumbi dos Palmares (turma 5), e Chico Mendes (turma 6), respectivamente, na mesma universidade. Apesar dos nossos pais não terem condições de nos manter em uma faculdade, sempre nos incentivaram a não desistir e sempre ajudaram quando foi necessário.

² As turmas da Licenciatura em Educação do Campo da UnB recebem um nome escolhido pela própria turma após vivência de duas ou três etapas (correspondente à semestre letivo) em tributo a uma pessoa que trás em seu legado contribuições à luta do povo, especialmente do povo do campo. A nossa turma escolheu Marielle Franco por ser uma mulher negra, periférica e pela sua luta por direitos humanos.

Além de estudar, trabalhava na roça ajudando nas atividades gerais e também fiava e bordava aprendizado que veio da minha mãe, Romana que aprendeu com sua mãe.

Cresci participando dos festejos de Nossa Senhora da Abadia organizado pela minha família, puxado pelo meu avô Bertolino e o festejo de São Sebastião comandado pelo meu tio Paulo. Minha alfabetização e a escolarização do primeiro ao quarto ano foi na Escola Municipal Terra Vermelha, com Erotildes dos Santos Rosa, que além de ser tia era minha professora. A escola funcionava em sua própria casa. Éramos ao todo uns vinte alunos. A partir do 5º ano do ensino fundamental passei a morar em casa de parentes para dar continuidade ao estudo, na escola Estadual Santo Antônio na própria comunidade.

Depois disso saí para trabalhar e continuei os estudos na cidade onde enfrentei muito preconceito por ter uma variação linguística diferente. Com incentivo de várias pessoas me ergui e consegui vencer o preconceito e hoje estou aqui para compartilhar meus aprendizados e minhas experiências com todos.

Terminei o ensino médio em 2012, consegui concluir fazendo supletivo porque minha vida estava muito carregada por já ser mãe de duas filhas, ter que trabalhar fora e ainda cuidar da minha própria família. Minha profissão é lavradora. Mas no decorrer da minha jornada já foram várias outras profissões, como: doméstica, babá, auxiliar de cozinha, faxineira e cozinheira.

Logo cedo aprendi a dançar Sussa, como era o costume para todas as crianças da comunidade. Na Folia de Reis também as crianças participavam e dançavam Sussa, até porque isso só acontecia uma vez por ano. A Sussa fazia parte da vida das crianças porque é uma tradição transmitida pela família. Falar dos meus sentimentos não é tão difícil assim, até porque já cresci vendo meus pais dançando e para mim é a Cultura que amo e tenho prazer de continuar seguindo minha tradição. A Sussa não é uma dança qualquer, mas sim, uma Cultura que quer continuar compartilhando alegria e conhecimento para as novas gerações.

Quando ingressei na universidade comecei a compreender melhor o significado e o valor da Sussa para a comunidade e para manter a tradição do povo Kalunga. Com as apresentações das atividades do curso e da Sussa na Faculdade UnB Planaltina, como parte das programações da LEdoC fui perdendo a timidez e compreendendo cada vez mais o significado dessa dança para a nossa Cultura. Os professores e as disciplinas fizeram com que eu entendesse a importância de vencer

os obstáculos. Um deles é não ter vergonha de quem somos e sempre lutar para não deixar que a, nossa maior riqueza, se acabe, a Cultura. Sendo assim escolhi a Sussa como tema de pesquisa para o trabalho de conclusão do curso, pela ligação que tem com a minha vida.

O fato de vestir aquela saia rodada, de chita, me dá uma sensação de liberdade e eu me sinto completamente entregue à dança. É muito satisfatório para mim hoje estar aqui escrevendo e registrando o que é a Sussa para minha comunidade.

Figura 2 - Pronta para dançar Sussa



Fonte: arquivos da pesquisadora (2023)

Sou mãe de duas filhas, uma com 21 e a outra com 16 anos. Sou muito feliz por ter sido mãe aos 17 anos. Hoje minhas filhas me dão força e me incentivam a lutar pelos meus sonhos. A mais velha, Camila, já está no sétimo semestre na LEdoC UnB, e me ajuda a mexer com a tecnologia para enviar as atividades isso me

faz mais importante, de saber que não tive a oportunidade no passado, mas agora estou conseguindo realizar meu sonho e o dela. A mais nova, Mônica, está no ensino médio. As duas dançam Sussa. Isso é motivo de orgulho para mim porque significa que estão seguindo os passos dos avós e os meus próprios.

No início de 2018, ingressei na UnB. Isso para mim foi um grande desafio, naquela época estava passando por várias dificuldades e sofrimento. Em 2016 meu pai descobriu que tinha um tumor no fígado e era maligno. No mês de outubro de 2018 veio a óbito. Nesse mesmo ano aconteceu a separação do meu casamento, devido isso minha filha, mais velha teve depressão e tentou suicídio três vezes. Apesar de tudo que aconteceu não desisti, meu pai sempre dizia que os momentos ruins vinham para fortalecer. Só não pode perder a Fé.

Estudar, conhecer pessoas diferentes foi muito importante para que eu pudesse esquecer os problemas que me afetaram. Hoje sou muito grata por estar na LEdoC e poder realizar meu sonho de ter uma formação adequada digna, que pudesse me desafiar.

A maior dificuldade nos estudos veio logo, ao fazer meus estudos em pouco tempo, pelo supletivo, por não ter a oportunidade de estudar regularmente. A dificuldade para ler e interpretar um texto era grande e escrever era pior ainda. Por isso tive que me esforçar e hoje vejo que valeu a pena. A recompensa veio com meu ingresso na UnB. Sei que não vou sair 100%, mas já vai valer o esforço que fiz ao longo dessa jornada.

Para chegar à universidade foram vários desafios: primeiro por ser do campo e filha de agricultores e segundo por não ter um estudo adequado para passar em um vestibular, a falta de vários fatores faz com que perdemos várias oportunidades na vida deixando os momentos bons para trás. A leitura e escrita é uma das maiores dificuldades que enfrento por ser do campo.

Com tudo isso fui em busca do meu objetivo, entrar na UnB no final do ano 2017, e ingressar 2018 com muitas lágrimas e sofrimento e doença e morte do meu pai, a separação no casamento e várias outras coisas. Foi uma vitória chegar onde estou hoje vejo que mesmo com tanta dificuldade e lágrimas que enfrentei me sinto uma pessoa com determinação para lutar pelos meus objetivos.

Ao ingressar na universidade me deparei com vários desafios, um deles foi aprender a conviver e trabalhar em grupo na sala de aula e em outros espaços como por exemplo no alojamento. Refiro-me aos grupos de organicidade e de estudos. Os

grupos para as atividades em sala de aula, compostos pelos estudantes, trouxeram um importante aprendizado uma vez que os professores distribuíam as tarefas e os estudantes passavam a construir conhecimento por meio de debates, exposição de ideias e sínteses, além de outras habilidades que o trabalho de grupo proporciona.

A Organicidade é uma forma dos estudantes e professores se reunirem depois das aulas, ou em outros momentos para escutar, debater e discutir as necessidades dos estudantes em prol de vários desafios, que ali se encontram, desde a convivência até questões administrativas e pedagógicas. É um espaço de decisões coletivas, com divisão de tarefas. Os grupos são formados através de Grupos de Organicidade (GO), com atividades diversas, distribuições de tarefas por área de atuação, a saber: saúde, ciranda infantil, lazer, cultura, esporte e comunicação esses setores eram divididos entre as turmas para desenvolver as atividades acadêmicas, um espaço de acolhimento que ouvia todas as turmas juntas.

Convivendo e participando a cada semestre fui percebendo que a organicidade é uma forma de exercitar a auto-organização que, além de fortalecer a convivência em grupo no meio acadêmico, auxilia na construção de processos democráticos e participativos, para fortalecer as nossas lutas sociais.

4. TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE: a base da nossa resistência

Para falar da história do povo Kalunga é necessário falar da ligação dessa história com a formação do território (Gouveia, 2018). A relação de territorialidade Kalunga com a identidade está ligada à terra e à formação do território. “A terra/território é de extrema importância para a identidade da comunidade Kalunga e, dessa forma, fundamental para a preservação da sua cultura” (Fernandes, 2015, 427).

A compreensão de território no Quilombo Kalunga está ligada à compreensão de cultura. As relações de respeito que os Kalunga têm com a terra, a vegetação, rios, animais, o modo de produzir, a preservação das tradições e os saberes, além de ser parte da cultura, compõe a identidade Kalunga.

“[...] a terra foi sempre muito disputada, por garimpeiros, fazendeiros, que sempre tentaram se apropriar do território, muitas vezes comprando algumas áreas, ou se apropriando indevidamente:”[...]. (Costa, 2013, p. 27). Nessa mesma direção

Gouveia (2018, p. 77) alerta que “A ameaça de invasão e tomada das terras significava a inviabilização da vida do povo Kalunga, pois o território é sinônimo de vida. Onde se produz e reprodução conforme a cultura.” Parte das as ameaças internas e externas ao Território Kalunga são atribuídas à Indústria Cultural, conforme alerta Vilmar. “[...] a Indústria Cultural invadiu por completo as nossas comunidades e as nossas casas.” Costa (2013, p. 48).

Outras ameaças, externas à comunidade, com hábitos culturais diversos dos nossos, impostos pela Indústria Cultural, por exemplo, colocam em risco o modo Kalunga de ser e viver, afetando especialmente as pessoas mais jovens. Sendo assim, há que se buscar um equilíbrio entre o que se chama de moderno e os modos tradicionais.

Para tal equilíbrio considera-se imprescindível conhecer a cultura tradicional por meio do olhar dos de dentro, daqueles que realmente são os guardiões dos saberes tradicionais que estão relacionados à vida, à memória e ao cotidiano dos Kalunga. As danças, músicas, religiosidades, culinária, e principalmente o modo de se relacionar em comunidade e com a terra, são fatores que representam a ligação do povo Kalunga com o meio em que vivem. (Arantes; Almeida, 2012, p. 65).

A respeito das ameaças de invasão e exploração do território Quilombola Kalunga, Luan Ramos Gouveia, em seu Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Educação do Campo da UnB, intitulado “Desafios organizativos da resistência quilombola” (2018) trás importantes contribuições acerca da organização do povo Quilombola do território Quilombola Kalunga como processo histórico de lutas e resistências e destaca que as resistências desse povo se dão mediante ações que colocam em risco a soberania do território, em defesa do povo, da terra e da cultura. Nesse trabalho o pesquisador faz uma análise do território do ponto de vista histórico, econômico e político com a forte interferência da problemática mineral e agrária. A pesquisa contribui para o entendimento da relação intrínseca entre território, cultura e identidade.

Os povos quilombolas na busca por um lugar seguro, livre da presença e da ameaça dos senhores procuraram os lugares de mais difícil acesso. “Foi nas margens do importante rio Paranã que iniciaram as primeiras habitações. Esse rio corta todo o território Kalunga.” (Gouveia, 2018, p. 42). Por se tratar de um lugar privilegiado, de belezas naturais exuberantes e ainda bastante preservado, e pelas

riquezas minerais, existem conflitos pela apropriação dos bens ali existentes.

De um lado a comunidade tem preservado a natureza e o meio ambiente de todo o território. Por outro lado os capitalistas têm feito investidas na região para exploração dessa riqueza, que em alguma medida se realiza. A começar pela disputa da posse das terras. (Gouveia, 2018, p. 47).

O estudo de Costa indica que

Os levantamentos da história oral indicam que o processo de ocupação da terra (serras, vãos, etc.) obedece á preocupação de sobrevivência, de defesa e construção de uma vida. O que sabemos é que a conquista do território, como espaço de direito para nos Kalunga viver, se deu mesmo com o início do projeto Kalunga povo da Terra, pela pesquisadora Mari de Nasaré Baiocchi em (1983/1998). (Costa, 2013, p. 28).

A luta pela terra faz parte do dia a dia de todo o território Kalunga, mas a organização das comunidades em busca de seus direitos, de melhoria de suas condições de vida, vem apresentando bons resultados e aqui destaco a formação de professores, que vem crescendo com as Licenciaturas em Educação do Campo LEdoC UnB, *câmpus* Planaltina-DF e da Universidade Federal do Tocantins (UFT), *câmpus* Arraias -TO..

Na dinâmica de sobrevivência e resistência, a cultura é entendida pelo povo Quilombola Kalunga como uma de suas maiores riquezas. Nesse sentido, considero oportuno trazer as contribuições de Roseli Salete Caldart, que em sua obra *Pedagogia do Movimento Sem Terra* (2004), discute cultura como uma matriz formativa do MST. Ela entende cultura “[...] *como modo cotidiano de vida.*” (Caldart, 2004, p. 39, grifos da autora).

A autora apresenta as matrizes formadoras do MST e sustenta que “A trajetória histórica da formação do sem-terra como sujeito social é um processo educativo, de formação humana.” (Caldart, 2004, p. 162) e ressalta que é necessário ter matrizes formadoras do ser humano que sejam convertidas em matrizes pedagógicas quando intencionalizadas para educar. Se os sem-terra forem crianças, a herança que veio dos sem-terra adultos com suas vivências e experiências “[...] pode representar uma geração educada em uma *nova matriz de formação humana.*” (Caldart, 2004, p. 164, grifos da autora). Pensar a educação vinculada à cultura significa construir uma visão de educação em uma perspectiva de formação das gerações..

As matrizes formadoras do MST vêm ao encontro das discussões sobre cultura e identidade que este trabalho apresenta, em busca de manter e preservar a cultura Quilombola Kalunga em que são respeitados e valorizados os saberes, os ritos, as festas, as danças, músicas e produção agrícola. “[...] toda pessoa humana e todo grupo social à medida que se relaciona com a natureza, produz cultura. Ao produzir-se, o ser humano produz cultura, ou seja, a sua própria existência cotidiana leva-o à produção cultural.” (Caldart, 2004, p. 35). Assim como o conceito de cultura é caro ao MST, para nós Quilombola Kalunga também, tanto em relação ao cultivo da terra, quanto em relação aos processos simbólicos. Um não se separa do outro. A cultura como matriz formativa na LEdoC representa um instrumento de luta para que nosso Povo possa se manter, conforme apresento no item a seguir.

4.1 Educação do Campo, Escola do Campo e LEdoC

A Educação do Campo nasce como resposta aos movimentos sociais do campo, na luta por uma educação pública, gratuita e de qualidade para as populações que vivem no e do campo. Uma educação que valorize a cultura e a identidade dos povos do campo e como prática social “Combina luta pela educação com luta pela terra, pela Reforma Agrária, pelo direito ao trabalho, à cultura, à soberania alimentar, ao território.” (Caldart, 2012, p. 263).

A Educação do Campo, pela sua trajetória de lutas, pelos enfrentamentos que realiza em contraposição ao modelo hegemônico de educação e escola nas áreas rurais, “[...] reafirma e revigora uma concepção de educação de perspectiva emancipatória, vinculada a um projeto histórico, às lutas e à construção social e humana de longo prazo.” (Caldart, 2013, p. 264). Como um processo histórico, que se vincula diretamente às lutas dos trabalhadores do campo organizados na forma de movimento social, sindical e popular, houve um esforço para constituir a Educação do Campo.

O esforço feito no momento de constituição da Educação do Campo, e que se estende até hoje, foi de partir das lutas pela transformação da realidade educacional específica das áreas de Reforma Agrária, protagonizadas naquele período especialmente pelo MST, para lutas mais amplas pela educação do conjunto dos trabalhadores do campo. (Caldart, 2012, p. 261).

A Escola tem sido objeto central nessas lutas pela oportunidade de oferecer um ensino voltado à realidade do campo, uma escola ligada à vida. Uma escola que se contrapõe à escola rural, que ignora a realidade do campo. Na lógica do Movimento da Educação do Campo uma Escola para os trabalhadores do campo precisa estar voltada ao campo e suas especificidades, precisa atender aos interesses dos trabalhadores do campo.

A concepção de escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto da luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação. (Molina; Sá, 2012, p. 326, grifos das autoras).

Nessa mesma luta surgem as Licenciaturas em Educação do Campo (LEdoC) como política de formação docente, também conquistada a partir da luta dos movimentos sociais. Conforme consta do Projeto Político Pedagógico do Curso (PPPC), este “[...] visa contribuir com a preparação de educadores para uma atuação profissional que vai além da docência, incluindo a gestão dos processos educativos que acontecem na escola e seu entorno [...], a formação simultânea também para a gestão de processos educativos escolares e comunitários. (PPPC, 2024, p. 13). Este é um curso que está organizado em tempos e espaços que alternam a formação na universidade, chamado Tempo Universidade (TU) e na Comunidade, chamado Tempo Comunidade (TC). O objetivo da Licenciatura é formar e habilitar profissionais para atuação nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio (Molina; Sá, 2012).

A organização curricular da Licenciatura em Educação do Campo em alternância atende a uma das principais reivindicações dos movimentos sociais, sindicais e populares do campo, que é uma educação transformadora. Uma educação que se constrói na luta, com suas experiências de vida, seus saberes, em busca de melhores condições de vida. “Dessa forma, insere-se num esforço de afirmação da Educação do Campo como política pública, em processo de construção de um sistema público de educação para as escolas do campo.” (PPPC, 2024, p. 13).

Em maio de 2023 a Licenciatura em Educação da UnB completou 15 anos de existência, com uma programação intensa que mostrou bem a dinâmica do curso, a articulação ensino, pesquisa e extensão, seu envolvimento com as comunidades dos

Territórios de atuação. A presença da LEdoC UnB no Território Kalunga, juntamente com a UFT - *câmpus* Arraias, UFG, UEG, IFG poder local, organizações e associações representativas do Povo Kalunga, vem contribuindo aumentar o potencial de implementação de políticas públicas no território.

No Território Quilombola Kalunga as formas de organização existentes, são um meio de proteger o Quilombo e influenciar na construção de políticas públicas próprias para o Território, por meio das seguintes associações: Associação Kalunga de Cavalcante (AKC), Associação Kalunga Comunitária Vão de Almas (AKCVA), Associação Quilombo Kalunga (AQK), Associação de Educação do Campo do Território Kalunga e Comunidades Rurais (EPOTECAMPO).

Essas Associações constituem espaço de construção conjunta e articulada com as universidades e instituições parceiras em busca de garantia de seus direitos e demandas que surgem das suas necessidades nas diversas áreas: saúde, educação, infraestrutura, turismo, meio ambiente, produção. Esses espaços não são só reivindicatórios são também, formativos, políticos, agregadores de uma força coletiva capaz de mobilizar o território para garantir seus espaços. Um exemplo foi a eleição de Vilmar Kalunga (Vilmar Sousa Costa), para Prefeito de Cavalcante no estado de Goiás. Os egressos da LEdoC, a exemplo de Vilmar, vêm atuando na gestão pública, no Território, com cargos de Prefeito (no caso Vilmar), Vereador, Secretaria Municipal de Educação, entre outros.

A UnB no sentido de ampliar os espaços de atuação no Território Kalunga, criou o Polo de Extensão Kalunga, que reforça a importância do envolvimento da UnB e seu compromisso com o Povo Quilombola Kalunga e suas causas. Há vários cursos, projetos e programas de diversas áreas do conhecimento que a UnB desenvolve. No caso específico da LEdoC as atividades se dão por meio do Tempo Comunidade, Programas e Projetos de Extensão e Pesquisa. A articulação entre ensino, pesquisa e extensão, ocorre através da Inserção dos estudantes na comunidade e na escola, em que eles mesmos protagonizam as ações articuladas dos dois tempos formativos: TU e TC.

A INSERÇÃO ORIENTADA NA ESCOLA (IOE) - deve incluir atividades que estabeleçam vínculos entre os licenciandos e as escolas de inserção, como por exemplo, a realização do inventário da escola, as atividades de estágio e o desenvolvimento de projetos diversos na escola. A INSERÇÃO ORIENTADA NA COMUNIDADE (IOC) - envolve as diversas experiências de organização coletiva

vinculada ao território em que o estudante se inserir, como a participação em grupos organizados, movimentos sociais e a organização de atividades de mobilização ou formação voltadas à comunidade. (PPPC, 2024, p. 78, grifos do autor).

A inserção dos estudantes na escola e na comunidade constitui parte do Tempo Comunidade em que a teoria e a prática são inseparáveis, além de ser parte da carga horária dos componentes curriculares. Esta é uma inovação na formação dos educadores do campo, coerente com os princípios da Educação do Campo que possibilita novos processos de produção de conhecimento, respeitando os saberes e os modos de vida do povo do lugar. O TC é um momento de colocar em prática a organicidade vivida no TU. As atividades do TC devem ser, preferencialmente voltadas à realidade local, além de ser “[...] um espaço privilegiado para experiências de organização coletiva vinculadas ao território.” (PPPC, 2014, p. 78). Essa forma de organização e distribuição de tarefas é vivida na comunidade por ocasião dos festejos, quando se formam os grupos de trabalho e acontece a divisão de tarefas, “[...] em um coletivo bem articulado e organizado. (Rosa, 2013, p. 37).

Por ser da área de Artes, Literatura e Linguagens destaco aqui o Coletivo Terra em Cena, Programa de Extensão e Pesquisa que desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão, no Território Kalunga formando grupos de Teatro e vídeo Popular, por meio de cursos e oficinas, para construção de peças teatrais e documentários nas comunidades, a partir de demandas da própria comunidade por intermédio dos estudantes da LEdoC, incluídos ou egressos, não só da área de Linguagens, mas das demais áreas do conhecimento: Matemática e Ciências da Natureza. (PPPC, 2024). Participam também desses grupos estudnates do ensino médio e outras pessoas das comunidades.

Sendo assim, trago alguns elementos para reflexão nesse caminho que venho percorrendo como estudante da LEdoC e como pesquisadora em busca de compreender cada vez mais a nossa cultura com os aprendizados na LEdoC. Com isso quero dizer da importância da formação na LEdoC articulada à comunidade e à escola, pelo permanente diálogo em construção, para fortalecimento de ações do Território, por meio de produções de coletivos teatrais e audiovisuais. Os grupos de teatro são: Vozes do Sertão Lutando por Transformação (VSLT) em Cavalcante e Arte Kalunga MATEC - Meio Ambiente, Tradição, Educação e Cultura. , na comunidade Engenho II.

Como importante ferramenta de luta e resistência a formação desses grupos está alicerçada no Teatro do Oprimido (TO), por ser parte da formação na LEdoC. O Teatro do Oprimido como integrante dos componentes curriculares da área de Linguagens da LEdoC UnB atua na formação de coletivos no território Kalunga para o fortalecimento de sua organização social e comunitária. A pesquisa de Gouveia (2018), trás importantes contribuições a respeito desses grupos e da organização do Território.

4.2 Teatro do Oprimido

As aulas de Teatro na LEdoC me ajudaram em muitas coisas: uma delas foi quebrar barreiras e melhorar a timidez. O que estou chamando de barreira são certas limitações por timidez ou por não me sentir capaz. Ao trazer o Teatro do Oprimido e a Sussa neste item para algumas considerações, quero falar de algo que está presente nessas duas formas de expressão e que fazem parte do cotidiano das pessoas. . A Sussa expressa o viver de um Povo, trás em suas músicas e versos o cotidiano ligados à historia, à cultura e ao modo de viver e de produzir do Povo Quilombola Kalunga. O Teatro do Oprimido trabalha com a realidade cotidiana do povo oprimido para que tomem consciência de sua realidade e busquem as transformações desejadas. (Rosa; Paixão, s/d, p. 2).

Para Boal (1997), o teatro deve modificar o ser humano, conscientizando de sua realidade cotidiana e do movimento constante em que este se encontra, para muni-lo de ferramentas para transformá-lo, apoiando os princípios de educação não formal. De acordo com o autor, o teatro na comunidade pode influenciar na ação humana que por sua vez transforma a sociedade e a natureza. O teatro nas comunidades tem um papel educacional de extrema importância, gerando debates sobre a realidade das comunidades o teatro leva conhecimento, sabemos que o conhecimento tem a capacidade de libertar a mentes e no caso das periferias.

Assim como o teatro tem seus movimentos para chamar a atenção do público, a Sussa tem também um meio de chamar a atenção das pessoas. Com seus movimentos e cores fazendo com que cada um sinta livre para dançar e expressar seus sentimentos e prazer.

Boal (1997) afirma que o teatro faz com que os oprimidos mostrem seus objetivos, interfiram na realidade par transformá-la. Para eu isto aconteça é preciso

estar inserido numa dada realidade. A Sussa fortalece os vínculos da comunidade, assim como Boal destaca a importância da arte teatral, não podemos deixar de destacar a arte da dança. A Sussa como expressão do povo Kalunga é energia, resistência, tradição e manifestação da Cultura.

5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

As entrevistas foram realizadas nos meses de agosto e setembro de 2023, com base em um roteiro semiestruturado (Apêndice B), organizado da seguinte forma: identificação, contendo idade, gênero, número de filhos e gênero, se cantam e dançam a Sussa. A segunda parte do roteiro foi constituída de 14 questões, direcionadas a três grupos: pessoas mais velhas (acima de 50 anos), pessoas adultas (acima de 30 anos) e pessoas jovens (acima de 15 anos). Para este grupo a identificação consistiu em dizer o nome e a idade.

Critério para escolha desses três grupos: com o grupo acima de 50 anos o critério foi para conhecer a história da dança, os movimentos, quais as músicas, as roupas, o significado da dança para a comunidade, qual a contribuição da dança para as gerações mais jovens e a importância da Sussa para a identidade dos quilombolas Kalunga. O grupo acima de 30 anos foi escolhido com a intenção de saber com quem aprenderam a dançar, se continuam dançando, qual a importância da Sussa para a identidade dos quilombolas Kalunga e como contribuem para que a Sussa sirva de incentivo para os mais jovens conhecerem essa tradição que vem passando de geração a geração. O terceiro grupo, em torno de 15 anos foi para saber o que acham da dança, porque dançam, se gostam de dançar e o que acham da Sussa e como veem essa dança na construção da identidade da comunidade.

A “*Entrevista*, tomada no sentido amplo da comunicação verbal e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no trabalho de campo” (Minayo, 2009, p. 64, grifo da autora).

No dia e horário previamente agendado compareci ao local, fiz uma conversa informal, em seguida apresentei os motivos da minha presença ali, disse que sou estudante da Licenciatura em Educação do Campo, curso que a comunidade já conhece, falei da pesquisa que estou realizando para concluir o curso e dos

objetivos da entrevista. Apresentei o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, explicando para que serve e pedi a cada entrevistado para assinar.

As entrevistas ocorreram na casa das pessoas entrevistadas, conforme agendamento previamente combinado. O motivo de ser em suas residências foi a dificuldade de deslocamento. Sendo assim, preferi ir à casa de cada uma delas. Além disso, entendi que esse seria o meu papel de pesquisadora. Em algumas situações como no caso da dona Brígida eu dormi em sua casa porque no dia da entrevista ela não estava se sentindo bem, então no dia seguinte fizemos a entrevista.

O primeiro bloco de questões foi composto de três perguntas: com que idade começou a dançar a Sussa, quem ensinou a dança, o que motivou a dançar e se aprendeu por que gostava, por incentivo dos pais, outros familiares, se foi por outro motivo, qual e se continua dançando. Esta última pergunta foi feita especialmente para as pessoas acima de 50 anos, com o objetivo de conhecer um pouco mais a trajetória de cada uma do tempo que começou a dançar até hoje. Outra pergunta direcionada mais especificamente a esse grupo foi se tem filhos, o gênero, se os filhos acompanham os pais na dança e se há diferença entre as mulheres e os homens no envolvimento com a Sussa.

Todas as pessoas, nove ao todo, nasceram e se criaram em Vão de Almas. A seguir apresento as entrevistas, começando com o grupo de pessoas mais velhas, constituído de duas mulheres e um homem, na faixa etária de 60 anos, composto por Brígida, Romana e Getulino. Utilizo o nome mesmo de cada pessoa, conforme autorização no TCLE. As três pessoas têm filhos. Brígida tem cinco filhos, três homens e duas mulheres. Romana tem cinco filhos, dois homens e três mulheres. Getulino tem cinco filhos, dois homens e três mulheres.

Figura 3 - Brígida Dias dos Santos - canta e dança Sussa



Fonte: Niécia (2023)

Dona Brígida, como é chamada na comunidade, tem 72 anos de idade, é casada, mãe de 5 filhos, 3 homem e 2 mulheres. Ela conta que nasceu na comunidade Vão de Almas. “Eu sempre vivi aqui e gosto muito de dançar Sussa e participar da minha cultura. Meus filhos só uma filha que gosta de dançar os outros apenas canta a Sussa”. (Brígida, entrevista, 2023). A entrevistada afirma que, com doze anos já dançava sussa e relata: “naquele tempo meus pais não deixava dançar balo (forró). Eu aprendi vendo os outros dançarem e os parentes como: Procópio, Sinésia, João Benício, Salu, Lixandre e Nascimento. (Aprende) com os pais, parentes e amigos que incentiva a dançar e até hoje continuo dançando Sussa. (Brígida, entrevista, 2023, grifos da autora).

Figura 4 - Romana dos Santos Rosa - canta e dança Sussa



Fonte: Nelcina (2022)

Romana é viúva tem 61 anos, mãe de cinco filhos, dois homens e três mulheres, nascida e criada na comunidade Vão de Almas e faz parte do grupo da Sussa. Em relação aos filhos ela diz que dos cinco filhos, dois homens e três mulheres, um homem canta e dança o outro nem canta e nem dança já as três mulheres dançam a Sussa. Romana conta que aprendeu a dançar sussa com oito anos de idade e relata: “eu aprendi a dançar a sussa com oito anos, porque naquela época os pais incentivaram os filhos e eles cantavam a sussa nas tardezinha no seu terreiro e cantavam para as crianças dançarem. Quando chegava na festa naquela

época que as crianças dançavam perto dos grandes, só que era separado os grandes dos pequenos, crianças não se misturavam com os grandes os pequenos ficava ali do lado dançando igual os grandes (Romana, entrevista, 2023).

Figura 5 - Getulino de Souza Ribeiro - toca, canta e dança Sussa



Fonte: Nelcina (2023)

Getulino tem 61 anos, solteiro, nascido e criado na região. Dos cinco filhos, três mulheres e dois homens, todos dançam sussa e diz que “todo mundo gosta de dançar”. Começou a dançar com 12 anos.

Meu pai me assinou a dança Sussa e girar folia normal a gente vê e começa a gostar mesmo e aprender. O motivo de dançar é porque gostava e não tinha outros divertimentos, não tinha som, energia nem estrada, por isso fazia o modo de se divertir. Tive o incentivos dos pais naquela época, tudo que vai fazendo e aprendendo um pouco. (Getulino, entrevista, 2023).

O entrevistado relata que naquele tempo era normal os pais ensinarem aos filhos a dançar e girar folia desde cedo, para que os filhos aprendessem vendo os mais velhos praticarem essas atividades.

Os três entrevistados nasceram e se criaram em Vão de Almas e ali constituíram suas famílias. Todos aprenderam a dançar Sussa na infância e no início da adolescência, incentivados pelos seus pais, que dançavam, cantavam e faziam questão de envolver os filhos nessa dança. Das três pessoas entrevistadas apenas um dos filhos não dança, nem canta a Sussa.

A seguir apresento a identificação das três pessoas entrevistadas, acima de 30 anos de idade.

Embora sejam pessoas jovens, esse grupo, na faixa etária de 35 e 36 anos possui muita experiência com as tradições culturais da comunidade e estão envolvidos desde crianças com a Sussa.

Figura 6 - Niecia Pereira dos Santos - dança Sussa



Fonte: Niécia 2023

A entrevistada nasceu e se criou na comunidade Vão de Almas, é casada, mãe de dois 2 filhos, um homem e uma mulher. Disse que somente a filha gosta de dançar e afirma

Gosto muito de dançar Sussa e participar da minha cultura. Eu com 10 anos já comecei dançar a Sussa com minha mãe e minha irmã mais velha era o meu maior incentivo para aprender a dançar. Meu maior motivo foram minha mãe e outras mulheres que dançavam muito bem então comecei a dedicar-me dançando e assim fortalecendo nossa cultura, primeiro por incentivo dos pais a partir daí que eu comecei a gostar e frequentar mais a dança. (Niécia, entrevistas, 2023).

A fala da entrevistada Niécia revela a importância de começar a Sussa desde cedo. Ela diz que foi motivada pela mãe e outras mulheres. As crianças vão aprendendo, compreendendo a importância dessa dança em suas vidas e vão tomando gosto, vão se desenvolvendo nessa tradição.

Apresento a seguir Romes dos Santos Rosa,

Figura 7 - Romes dos Santos Rosa - toca, canta e dança Sussa



Fonte: Romes (2021)

Romes é pai de 3 filhos, duas mulheres e um homem e diz:

Uma das minhas filhas dança Sussa. Eu aprendi a dançar com meus 10 anos de idade, já estava ajudando a cantar e ver as pessoas dançando Sussa. E quem ensinou a Sussa foram os meus pais, meus tios, que sempre me motivou, meus amigos que dançavam Sussa me chamava para ajudar e ali fui aprendendo cada dia. (Romes, entrevista, 2023).

Figura 8 - Valdir Fernandes da Cunha - toca, canta e dança



Fonte: Valdir (2023)

Valdir nasceu e se criou em Vão de Almas, é casado e tem uma filha. Ele diz que aprendeu a dançar Sussa quando tinha uns 12 anos de idade.

Eu aprendi a dançar Sussa, tinha uns 12 anos de idade na casa da minha tia. Ela fazia uma festa aqui de Todos os Santos que é vizinha de casa, normalmente a gente ia dançar todo mundo junto, homem, mulher, crianças e eu aprendi dançar a Sussa nessa época, tanto dançar como cantar também e toca alguns instrumentos (Valdir, entrevista, 2023).

Valdir continua seu relato dizendo que aprendeu dançando junto com sua família “[...] com os primos, com tia, com meus tios, amigos que desde criança já iniciou dançar todo mundo junto na festa da minha tia, então eu aprendi dançar já assim junto com os mais velhos”. (Valdir, entrevista, 2023).

Em continuidade o entrevistado fala da motivação para dançara a Sussa e revela seu encantamento pela dança

O que me motivou mais a dançar a Sussa foi a questão que eu achava muito divertido e muito bonito também, os cantos da dança. Eu lembro aqui de um senhor que eu o achava muito bonito dançando a Sussa, desde eu pequenininho que eu via ele dançando só sapateado mesmo e eu achava muito bonito, aquele jeito que ele dançava me motivou e quando eu vi a Sussa eu também já tocando a Sussa já caia pra dentro e já ia dançar. (Valdir, entrevista, 2023).

O entrevistado diz, ainda, que aprendeu também a dançar Sussa e afirma:

[...] além de gostar também, meus pais já me motivaram porque eles deixavam muito a gente participar e levava a gente para participar desses momentos culturais. E a Sussa é o momento, de dança, de divertimento, de interação, de alegria. Eu danço a Sussa até hoje atualmente, toco e canto as músicas. (Valdir, entrevista, 2023).

As entrevistas com esse grupo foram realizadas em suas residências conforme agendamento feito previamente. As pessoas entrevistadas dos dois grupos, tanto das mais velhas, quanto das mais jovens, continuam dançando a Sussa e entendem que essa dança é diversão e traz alegria, como afirma Brígida “[...] a pessoa estando dançando, cantando Sussa ele não está sentindo nada, ele está com alegria e saúde” (Brígida, entrevista, 2023).

Os dados a seguir trazem a identificação de um grupo de jovens na faixa etária de 15 anos e sua trajetória na Sussa.

- João Paulo Fernandes dos Santos

Figura 9 - João Paulo Fernandes dos Santos - toca e dança Sussa



Fonte: João Paulo (2023)

A entrevista foi realizada no dia 31 de agosto de 2023 no colégio onde ele estuda, a pedido do próprio entrevistado. João Paulo é solteiro, tem 15 anos de idade, afirmou durante a entrevista:

Eu gosto muito de participar da minha cultura. Eu aprendi a dançar com 10 anos com meus familiares que sempre dançam. Eles que me incentivaram a dançar a Sussa sempre girar folia e nas folias tinha as danças e todos começaram a dançar com os colegas. (João Paulo, entrevista, 2023).

O entrevistado ressalta que começou a dançar com o incentivo da família e dos colegas. Ele destaca que “A dança teve alguma mudança no decorrer dos tempos, os mais velhos dançam muito sapateados e rodados os mais jovens dançam de qualquer jeito até mesmo pulando” (João Paulo, entrevista, 2023).

O sapateado a que se refere o entrevistado é o ritmo da Sussa e o rodado é o ritmo mesmo da dança que a pessoa gira, para poder seguir o ritmo da dança. No caso das mulheres o rodado é a saia abrindo e girando para fazer os movimentos.

- Mônica e Layce

Figura 10 - Mônica Fernandes dos Santos (blusa azul e Layce Rodrigues da Cunha (blusa estampada) - as duas dançam Sussa



Fonte: Mônica (2023)

O agendamento para a entrevista com Layce foi feito previamente e o local escolhido pela entrevistada foi a sua casa, tendo sido realizada no dia 02 de setembro de 2023. Ela começou fazendo sua apresentação pessoal “Meu nome é Layce Rodrigues da Cunha. Tenho 15 anos de idade, sexo feminino número de filhos nenhum. E os que mais dançam Sussa são as mulheres os homens alguns dançam só por graça mesmo aos outros mas quem mais dança são as mulheres” Layce continua discorrendo a respeito da dança dizendo como e quando aprendeu. “Eu aprendi dançar Sussa por volta dos 12 anos quem me ensinou a dançar foi minha avó Teresa e o que me motivou foi ver as pessoas dançando a Sussa se divertindo e aprendi a dançar”. Em relato Layce revela que “Um belo dia eu tive mais interesse de aprender assim mais rápido porque eu tinha uma apresentação na escola e eu queria fazer um trem muito bem feito, por isso aí eu aprendi a dançar e também gostei bastante, depois disso eu continuei dançando e continuo dançando até hoje em festas, folia, escola, apresentação”. (Layce, entrevista, 2023).

Mônica Fernandes concedeu a entrevista na casa da avó paterna, conforme agendamento prévio. Iniciou a entrevista fazendo sua apresentação:

Meu nome é Mônica Fernandes dos Santos, tenho 15 anos sou do sexo feminino não tenho filhos. Eu aprendi a dançar Sussa eu tinha acho que 10 anos de idade e quem me ensinou foi minha prima Taísa que me ensinou numa folia porque eu não sabia dançar e eu achei muito bonito o jeito que as pessoas dançava Sussa aí eu tive interesse de aprender dançar porque eu achei muito bonita e divertido.(Mônica, entrevista, 2023).

A entrevistada continua discorrendo a respeito do aprendizado da Sussa, dizendo que aprendeu porque gostava e em parte por incentivo porque a mãe dança Sussa e afirma “eu ficava observando elas dançando e aí eu gostei e foi esse o motivo porque eu quis aprender. Eu estou dançando até hoje.” Ao dizer que ficava observando elas dançando, a entrevistada se refere às mulheres que dançam, sejam as mais velhas ou as adultas.

As três pessoas jovens entrevistadas começaram a dançar Sussa por incentivo da mãe, do pai ou de outros familiares. Eles cresceram participando das festas e assim foram aprendendo e tomando gosto e continuam dançando. Após o momento inicial da conversa, em que os entrevistados apresentaram dados de identificação, a idade com que começaram a dançar e a motivação, foi feita a pergunta ao grupo mais velho.

5.1 Perguntas 1 e 2:

- Grupo acima de 50 anos

“Qual a importância da Sussa para a senhora ou o senhor, para os adultos e os jovens?” e por que a Sussa não deve ser esquecida?

Em sua opinião, o que está levando o desinteresse dos jovens pela dança?

No entendimento desse grupo, a Sussa é importante para manter a tradição e manter a memória viva, em qualquer idade.

Dona Brígida fala da importância da Sussa para os adultos e os jovens. Romana diz que os jovens mudaram a tradição “[...] ficou tudo diferente dos adultos [...]” e se refere a sua época, dizendo que

[...] naquela época a dança era diferente, as horas, não tinha hora aproximadamente, porque já ficava mais ou menos uma hora uma hora meia de Sussa e dependia da festa que tinha e os donos. Quando cantavam mais outros cantavam menos horas era assim aí uns batia viola outros era pandeiro, caixa e tudo. A Sussa bem animada é bom demais. (Romana, entrevista, 2023).

No entendimento da entrevistada uma Sussa para ser animada ela deve ser bem cantada e bem tocas. Por isso precisa dos instrumentos pandeiro, caixa, bruaca e viola ou violão.

Getulino diz que a Sussa não pode acabar, por isso ela é importante para todas as idades, tanto dos jovens, adultos, quanto dos mais velhos. “Se acabar a dança acabou a nossa tradição, mas eu tô sentindo que vai acabar porque os mais novo não quer aprender mais a dançar, as mulher agora vai dançar Sussa faz é pular” (Getulino, entrevista, 2023).

- Grupo acima de 30 anos

A dança Sussa é muito importante para os Kalunga, uma cultura que marca nossas comunidades, nossa trajetória por ser vinda de um povo que cultivou até hoje, espero que a juventude possa dar continuidade no que temos de melhor em nosso lugar. A Sussa é muito importante para as mulheres se reunirem e se vestir junto dançam em ritmo diferente. Os cantos levam cada mulher a criar a sua coreografia os adultos frequentam mais quanto para cantar como na hora de dançar o jovem pouco importa com a força eles é composta por mais adultos homens e mulheres (Niécia, entrevista, 2023).

Niécia disse que já chegou a dançar duas horas de Sussa em uma noite e afirma “[...] como a sussa dura um pouco, as pessoas dançam e logo cansam, apesar dos ritmos serem muito rápidos, dançam e param por causa do cansaço”. (Niécia, entrevista, 2023). A entrevistada continua dançando e frequentando mais e motivando outras pessoas a dançarem para que nossa tradição continue viva para as novas gerações.

Outra pessoa entrevistada, Romes, fala da importância da Sussa para jovens e adultos, como identidade e afirma que “[...] a nossa identidade, nossa história está ali, as pessoas conhecem de longe, para Brasília, ou para Goiânia, alguém escuta um batuque de Sussa já vem na mente: ali está apresentando os Kalunga porque eles têm essa identidade própria”. (Romes, entrevista, 2023).

Ao trazer a importância da Sussa para construção e afirmação da identidade Kalunga, Romes enfatiza a questão da identidade e da história fora do Quilombo, para que outras pessoas conheçam.

Na opinião de Valdir a dança da Sussa é importante por vários motivos, conforme sua fala a seguir:

A dança da Sussa não pode ser esquecida porque ela faz parte da nossa cultura Kalunga e além dela fazer parte da nossa cultura ela é um momento de interação entre as pessoas como uma terapia, vamos supor tanto uma terapia física, mental para a pessoa que ali está dançando, está cantando, ele está se exercitando a mente é um momento de lazer também e além de estar divertindo, então eu acredito que a Sussa é a nossa identidade. Não dá para perder a nossa identidade, perder a nossa cultura e também esse momento de encontro de amigos de todas as gerações. Então a Sussa traz muito essa importância, sabendo que é uma dança que está presente em tudo tanto nas folias, nas ladainhas, em pouso de folia, na saída, nos remates nos festejos então todas as manifestações nossas a Sussa está presente, como a dança principal e é muito importante aqui pra mim (Valdir, entrevista, 2023).

O entrevistado continua sua fala dizendo que para as pessoas da comunidade, como adultos, jovens, senhoras a Sussa é momento de interação e afirma

a Sussa é muito importante porque é um momento que eles, dançam, eles cantam, ou seja, esquece mais aquela rotina, de trabalho árduo que ficar trabalhando de sol a sol nas roças, outros talvez não leve essa prática mais, mas hoje o mundo já oferece tantas coisas que acaba prejudicando a mente da pessoa, e o momento que a pessoa se diverte, que a pessoa esquece todos os

problemas que está ali, dançando, interagindo com os amigos, expondo a alegria. (Valdir, entrevista, 2023)

- Grupo dos jovens - pessoas acima de 15 anos

Para o grupo jovem a Sussa é uma tradição que não pode acabar. Ela é importante para toda a comunidade, sejam os jovens, adultos ou as pessoas mais velhas.

A Sussa é uma dança tradicional da comunidade Kalunga e por isso ela não deve ser esquecida muito menos acabada tem que continuar com a nossa tradições que é uma alegria nas festas que tem em nossa comunidade. É muito importante a dança para todos da comunidade, tanto os mais velhos como os jovens quando a Sussa acontece dá para ver a alegria das pessoas dançando e se divertindo naquele momento. (João Paulo, entrevista, 2023).

Ao entrevistar a jovem Mônica ela fala da dança como parte da história do povo Quilombola Kalunga e diz que

A Sussa não pode ser esquecida porque é uma cultura da gente aqui no Quilombola e faz parte da nossa historia, né? que desde o começo que tem essa dança e ela é muito importante aqui para todos nós. Para mim a importância da Sussa para os adultos, senhoras, senhores e os jovens é a tradição para poder passar para os mais jovens e passando cada dia mais para não ser esquecida e ter mais pessoas que conheça a Sussa que gosta de dançar que gosta de observar a Sussa. (Mônica, entrevista, 2023).

A entrevistada Layce entende que a dança tem uma importância para os jovens e eles devem dar continuidade a essa tradição e afirma que “a dança não pode parar porque é uma arte é uma modo de diversão das pessoas dançarem com muita alegria e principalmente para os mais velhos que eles gostam muito de dançar Sussa é uma diversão para eles e também para os jovens, claro.” (Layce, entrevista, 2023).

Aos três grupos de entrevistados foi perguntado quantas horas eles chegaram a dançar Sussa em uma noite de festa. O grupo de pessoas mais velhas respondeu que chegou a dançar de uma hora e meia até duas horas e que já chegaram a dançar uma noite inteira em uma festa. O grupo de adultos Os jovens

“Eu já fiquei até uma hora dançando junto com os colegas em eventos que acontecem na própria comunidade.” (João Paulo, entrevista, 2023).

“Eu acho que eu já cheguei a dançar no máximo 20 minutos Sussa porque cansa muito sobe muita poeira que é assim um momento tão alegre né? as pessoas pulam bastante e você cansa, sua que faz calor demais, mas eu acho que eu já dancei no máximo uns 20 minutos a meia hora”. (Mônica, entrevista, 2023).

“Não sei falar ao certo quanto tempo eu já dancei de Sussa em uma noite, mas algumas noites foi bastante, dancei muito”. (Layce, entrevista, 2023)

“Creio que já dancei umas duas horas de Sussa por noite, como a Sussa dura um pouco as pessoas dançam e logo cansam apesar dos ritmos serem muito rápidos dançam e param por causa do cansaço”. (Niécia, entrevista, 2023).

O entrevistado Romes falou do tempo de duração da Sussa, referindo-se a outros aspectos da dança, conforme sua fala a seguir

Eu acredito que já dancei uma, duas horas de Sussa. Antigamente seria até muito mais as pessoas amanheciam o dia, mas eu não conheci as pessoas amanhecendo o dia dançando Sussa, cantando o verso, jogando o verso, eu vivi um momento de uma, duas horas de Sussa, pessoas cantando, dançando e pedindo descanso, tomando bebida, água, e pedir para cantar mais. A Sussa muito animada ela vai horas e horas de Sussa, transmite alegria e satisfação de estar comemorando uma promessa, uma festa, sabendo que depois que termina a ladainha é uma promessa cumprida, então vem ali para comemoração do canto, da dança e eles não têm hora para parar. (Romes, entrevista, 2023).

“Eu tive uma noite que eu dancei mais ou menos uma hora e meia de Sussa até duas horas, porque hoje em dia os horários da Sussa é menor, mas eu lembro que uns tempos atrás eu dançava duas horas de Sussa direto e era muito bom”. (Valdir, entrevista, 2023).

5.2 Você tem alguma música que gosta mais de dançar? Qual?

Tem umas músicas que eu mais gosto, tem vários jeito cantado redondo e comprido. O redondo é aquela música que canta e repete o verso. Já o comprido é aquela música que canta e joga os versos diferentes. A música que eu mais gosto é essa (Tenha pena do baiano que ele anda no mundo penando ele anda com as malas nas costas éia, éia, ele anda no mundo penando éia, éia, bis) redondo. Comprido é quando começa cantar e vai jogando verso, "eu vou

sabiá a sabiá eu vou, tico-tico no paia lambari corredeira você diz que não me quer larga de tanto segueira, eu vou subir sabiá, sabiá eu vou". Comprido. (Brígida, entrevista, 2023).

Terminamos a entrevista com essas duas músicas que Dona Brígida aprendeu com seu pai e seu tio. "Eu aprendi isso com meu pai e meu tio Lucas é uma música antiga que ninguém está conhecendo mas, principalmente os mais novos, ela é assim: "Jacaré tava chocando debaixo da samambaia quero conversa com a moça mais velha me atrapalha, quero conversar com a moça mais velha me atrapalha. Bis". "Café da morena é coisa boa pila, cessa, lava e coa. (Bis)". (Brígida, entrevista, 2023).

As músicas que eu gosto são de folia, eu gosto do forró só que é aquele antigo de Zé Piata, Mangabinha eu gosto de dançar assim, as músicas mais antigas hoje eles dançam músicas estranhas. A música da sussa que eu mais gosto é cantar, que a gente canta é "lá vem o rei a rainha o rei seu e a rainha", "morena solta o cabelo deixa o cabelo avoar" eu gosto de cantar quando a gente vai fazer um evento aí nesse lugar canto muito essas duas. (Getulino, entrevista, 2023).

O entrevistado Getulino continuou a conversa e trouxe outras músicas, contou como era no seu tempo de jovem e como é hoje, destacou ainda algumas músicas mais antigas, entre elas "morena solta o cabelo" já referida na citação acima e trouxe essas outras duas: "O chamego da menina da menina é quente é quente o chamego da menina que mata a gente" "Baixar a rama limoeiro deixa meu gado passar esse gado veio de Roma ele veio do Ceará. Baixar a rama Limoeiro deixa meu gado passar esse gado veio de longe ele veio do Ceará".

Para finalizar a entrevista, seu Getulino ainda cantou uma curraleira que ele fez esse ano girando a folia na comunidade. Nessa curraleira ele fala um pouco como está sendo difícil girar a folia e a interação dos jovens da própria comunidade. A seguir apresento a Curraleira:

Minha gente ôceis assunta é coisa de imaginar esse giro de folia eu já vi tanto pensar, os velho tá morrendo os novo não quer girar, na hora da **recorrida** vamos tudo decorar tá de celular na mão só pensando zapiá, desse jeito que eu tô vendo a jiripoca vai piá. Bis (Getulino, entrevista, 2023).

Todas as músicas eu costumo dançar, mas quando os cantadores cantam a última "até paroano se Deus quiser, até paroano se Deus quiser". Essa eu não perco

por nada, todos sabemos que essa é a última música da Sussa para encerrar. (Niécia, entrevista, 2023).

O entrevistado Romes disse que a música que mais gosta de cantar é Canoeiro, uma música da época dos garimpos, que diz assim: "O canoeiro, o canoeiro, o que trouxe na canoa, trouxe ouro, trouxe prata, trouxe muita coisa boa". (Romes).

Valdir disse que dentre as músicas da Sussa que seus pais cantavam dentro de casa ele se lembra de areia no mar "eu vou cessar areia no mar" e ressalta que "[...] de ouvir meu pai cantar, minha mãe eu lembro dessa areia no mar, do "pau pereira que é um pau de opinião" e do "cabritinho" (Valdir, entrevista, 2023).

A mesma pergunta feita aos jovens, qual a música que mais gosta, obteve as seguintes respostas: "Para mim todas as músicas são importantes, eu não tenho nenhuma de preferência, mas acho todas bonitas e danço qualquer uma que cante". (João Paulo, entrevista, 2023). Mônica cita a música cabritinho, muito cantada por todas as idades, "Cabritinho berrou bé cabritinho berrou bê, cabritinho berrou, berrou, berrou bê". (Mônica, entrevista, 2023) e por fim Layce destaca a música até para o ano: "Até porano se Deus quiser, até parano se Deus quiser". (Layce, entrevista, 2023).

5.3 Quais as músicas que seus pais cantavam para você dançar?

Dona Brígida falou das músicas que seus pais cantavam e falou também de girar alvorada e folia. Referiu-se às músicas "Pena do baiano" e o Pau pereira. "Pau pereira, pau pereira é um pau de opinião. Todo pau floresça folha mais ou pau pereira não".

Romana relata que os pais e os avós cantavam e botavam "[...] a gente prá dançar eles gostava de cantar". A seguir ele diz: "Naquela época o povo tudo era contrito a Deus, principalmente na época da seca que tava de solo querendo chuva aí os meus pais meus avô sempre gostava de cantar". A música era "Chove chuva oi para meu boi beber para nascer capim morena para meu boi comer. Boi rê boi rê boi sinhá" (Bis). Ela disse que essas cantigas eram cantadas para a "chuva chover", como se expressou, e quase toda festa que tinha em outros momentos, à tardezinha em casa, os pais gostavam de cantar essa música e botar as crianças para dançar e

ressalta “meu pai mesmo gostava, ele tinha prazer de cantar essas músicas para botar a gente prá dançar”. (Romana, entrevista, 2023).

Durante a entrevista Getulino destacou músicas que gosta de dançar e trouxe as músicas de antigamente, como “morena solta o cabelo”, “o chamego da menina” e “baixa a rama limueiro”, mas não chegou a dizer se seus antepassados cantavam essas músicas, apenas destacou que eram músicas mais antigas.

A pergunta feita para o grupo de adultos, pessoas acima de 30 anos, Niécia respondeu que durante a sua infância os seus pais não gostavam de cantar para ela dançar e afirma “eu aprendi dançar nas festas vendo outras mulheres aí eu pegava o ritmo que elas faziam”. (Niécia, entrevista, 2023).

Romes destaca a música “chove chuva para meu boi beber” cantada pelos seus pais pedindo chuva e faziam isso na presença das crianças para que elas pudessem aprender desde cedo e afirma que seus pais tinham uma fé “[...] porque eles tinham uma fé que quando cantava uma Sussa muitas das vezes, chovia porque às vezes estava muito tempo de seca, falta de água, roça já estava se perdendo por causa da seca, fazia uma Sussa e cantava junto com a galera, ai de repente chovia se não chovesse o boi morria. Então é uma dessas músicas que fica na minha lembrança até hoje”. O entrevistado destaca que seus pais também cantavam uma música ninando criança “a vaca berra boi bai, menino chora boi bai, moça de hoje boi bai, namorar sem conhecer boi bai”. “Essa música me reflete que antigamente as pessoas se conheciam para poder casar”. (Romes, entrevista, 2023).

A resposta de Valdir a respeito das músicas que aprendeu com seus pais são as mesmas que citou em seu depoimento ao se referir às músicas que mais gosta de dançar, ou seja, “areia no mar”, “pau pereira” e “cabritinho”.

Em suas respostas os jovens não disseram se aprenderam as músicas com seus pais, ou seja, se os pais cantavam para eles dançarem. Ao se referirem às músicas que mais gostam para dançar a Sussa e com quem aprenderam a dançar, as respostas variaram entre pai, mãe, primas, amigos, não havendo, portanto, relato que evidenciasse se aprenderam com seus pais. O que ficou evidenciado é que seus pais dançam a Sussa seja com regularidade ou eventualmente.

Tipo de roupa mais apropriada para dançar Sussa e se preferem dançar calçado ou descalço

Perguntas: Qual o tipo de roupa é melhor para dançar? Você prefere dançar calçada/o ou descalço?

Dona Brígida afirma que a melhor roupa para dançar a Sussa tem que ser saia comprida e bem rodada, ela prefere dançar descalço porque aprendeu a dançar assim. Segundo ela, naquele tempo as crianças não participavam tanto da multidão de gente como reza, elevação do mastro. Os pais colocavam para dormir cedo, por isso, as crianças não viam tanta coisa. Não era igual hoje que as crianças amanhecem na rua dançando. “Agora é assim, quando a Sussa começa a esquentar o povo já canta até paroano se Deus quiser. Eles agora incautam uma música na outra, quando a Sussa começa ficar boa já acabou” (Brígida, entrevista, 2023).

O relato de Romana trás o tipo de roupa mais adequada e as possibilidades que a saia rodada oferece para a dança e compara os tempos antigos com os atuais.

As roupas eram umas saia rodada para dançar Sussa aquelas saia longa, rodada e aí com bastante roda o povo dançava e rodava, todo mundo gostava. Hoje não, hoje as pessoas dançam de calça, dança de bermuda, mas naquele tempo as pessoas dançavam só de saia rodada a Sussa. (Romana, entrevista, 2023)..

E sobre o calçado ela diz que descalço é muito bom, mas dança calçada também. “Dança descalço, principalmente depende do terreno, se a pessoa for dançar se for um lugar que às vezes o terreno é solto toda hora pode afundar prefiro dançar descalço para não pisar em vão”. (Romana, entrevista, 2023).

Na opinião de Getulino “a saia rodada é melhor para dançar e para dançar melhor tem que ser descalço se o terreiro não tiver grugrulho é melhor descalço” (Getulino, entrevista, 2023). O entrevistado lembra que quando foi fazer uma Sussa em Cavalcante “[...] aquelas mulheres Maria, Dainda tirava o sapato prá dançar descalço. Até as mulheres de lá mesmo que também fazendo apresentação, tiraram o sapato”. (Getulino, entrevista, 2023).

De acordo com as duas entrevistadas e o entrevistado a roupa mais apropriada para dançar Sussa é a saia rodada comprida, porque possibilita os movimentos próprios da Sussa, girar, rodar.

Para Niécia a roupa mais apropriada “é a saia longa e bem rodada ela ajuda a gente a dançar melhor. Eu prefiro dançar descalço sapato e sandália atrapalha na hora de mudar os passos”. (Niécia, entrevista, 2023). Romes também concorda que a saia rodada é melhor para dançar a Sussa e diz: “[...] é a saia bem rodada, a dança precisa de uma saia leve, para que as pessoas rodam muito bem, blusa colada e a saia bem rodada, são usados lenços também, para dançar melhor tem

que ser descalço” (Romes, entrevista, 2023). O entrevistado relata ainda que antigamente não existia cimento, era o chão batido e mesmo assim as pessoas dançavam que rodopiava e dançavam descalço, não tinham o hábito de dançar calçado.

Valdir entende que a saia rodada é mais apropriada para a mulher dançar a Sussa. Quanto a dançar descalço ou calçado ele disse que prefere dançar calçado de botina “[...] porque a dança masculina ela é mais sapateada e da mulher mais rodada então o homem tem que dançar mais sapateada, mas catar as batidas no sapato, então eu prefiro dançar mais de botina”. (Valdir, entrevista, 2023).

Encaminhando para o final da entrevista eu quis saber a respeito da Sussa nos dias de hoje, se houve mudança e como cada grupo de entrevistado percebe essa dança no que se refere às gerações. Para isso fiz a seguinte pergunta:

5.4 Houve alguma mudança na dança dos antepassados até hoje? Qual ou Quais?

As três pessoas entrevistadas disseram que houve mudança.

Dona Brígida foi rápida na resposta. “Mudou! Pelo que eu conheci já mudou muito tanto na música como na dança”. (Brígida, entrevista, 2023). Romana sinaliza que houve mudança e afirma que

tem alguma mudança da Sussa de hoje com os dos antepassados porque naqueles tempo mais velho as danças era mais sapateado as mulher sabia muito sapateado e hoje nem todas as mulheres sabe mas sapateado roda ali mas não é mais um sapateado igual era. (Romana, entrevista, 2023).

Continuando nesse mesmo raciocínio Getulino afirma

A dança mudou e muito o modo de dançar demais as mulheres não dançam, era mais normal poucas mulheres que dançam dessas mais nova. As mais velha não quer mais dançar porque não aguenta mais já estão com as pernas fraca e quando dança é uma rodinha mas ainda tem gente que canta e dança normalmente. Tinham muita tradição aqui aquela Senhora de Alvorada que cantava de noite não tem mais, muita coisa que já acabou. (Getulino, entrevista, 2023).

As falas de Dona Brígida, Romana e Getulino apresentam um entendimento de uma vida que seus antepassados e eles mesmos viveram, de

tempos passados, como eles mesmos dizem e uma vida contemporânea, atual, em que os tempos são outros. Falam de mudanças nas diferentes formas de manifestações que afetam não só a Sussa, mas outras expressões. Qual o significado dessas mudanças para os tempos atuais? No caso da Sussa há uma preocupação para que essa memória não se perca. Mesmo que nem todos os jovens sejam adeptos dessa dança, há aqueles que procuram preservá-la.

Para encerrar a entrevista foi feita a seguinte pergunta:

5.5 Pode falar um pouco da sua trajetória na dança Sussa?

Dona Brígida fala do tempo de antigamente em que se dançava muito “[...] assim que passava as obrigações reza, levantava o mastro, dançava a noite toda, naquele tempo não tinha baile (forró). Por isso, passava a noite toda dançando Sussa”. (Brígida, entrevista, 2023). Romana fala da Sussa como momento de divertimento com os amigos, as amigas, “enquanto estamos dançando está divertindo com a multidão de gente alegre dançando e cantando.” (Romana, entrevista, 2023). Getulino diz que já teve momento que dançou Sussa demais e fala de um evento em São Paulo, em Cavalcante e outros lugares.

Quando nós fomos fazer um evento em São Paulo, em Cavalcante, que todo ano nós faz esse evento dancei Sussa demais, fazia de tudo tanto como caixeiro, ajudar a cantar, dançar junto com as mulheres dancei demais. Eu tenho dois anos que eu parei, fui no São Jorge também dançou demais eu dançava mais as mulher batia caixa. Momentos bons na Sussa têm a gente encontra com os amigos bom para dançar a gente vai falar que gostou, gostei dá força para uns companheiros bom para a gente fazer as Sussa que fica de recordação como Zé merenda é bom fazer a Sussa, Romes também é bom para fazer, para ajudar a fazer uma Sussa a gente fica lembrando daqueles companheiro né que é bom fazer o movimento. (Getulino, entrevista, 2023).

Para os três entrevistados mais velhos a Sussa faz parte de suas vidas desde a infância. Mesmo que naquele tempo as crianças não se misturavam com os adultos os pais ensinavam a dança aos filhos, passando de geração a geração para preservar essa importante tradição do povo Quilombola Kalunga.

O grupo dos adultos entrevistado tem uma atuação importante e consciente, no sentido de preservar a cultura e levar às gerações vindouras, como pode ser visto nas falas a seguir de Niécia, Romes e Valdir.

Desde minha infância até hoje a Sussa tem marcado minha carreira minha trajetória de vida aprendendo que nunca devemos deixar a nossa cultura acabar. Como mulher eu pretendo preservar e fortalecer nossa identidade local transmitindo essa saberes conhecimento para a juventude que realmente quero aprender com o interesse de valorizar a tradição Kalunga. A Sussa é o tipo de dança, ritmo, música que tem deixado quem não sabe querer aprender mais cantar e ouvir as cantigas que compõem a dança da Sussa. (Niécia, entrevista, 2023).

A fala de Niécia trás vários elementos que permitem refletir sobre a importância da participação das gerações mais novas e a interação com os jovens, adultos e as pessoas mais velhas. Ela evidencia esse pensamento ao expressar “[...] que nunca devemos deixar nossa cultura acabar”.

A trajetória de Romes na Sussa envolve sua atuação na própria comunidade e em outros lugares, a convite de diferentes estados e comunidades para tocar e cantar Sussa. Já foi convidado para cantar na Bahia, em Brasília, Arraias - Tocantins.

Sempre venho desenvolvendo a Sussa, sempre me apresento na cultura de encontro cultural, de cavaleiro de Jorge, em São Jorge, é as pessoas me conhece aqui nas tradições culturais apresentando aqui para a comunidade, pessoas que vem de fora e me chama para cantar fora, a gente vai cantar, se apresenta sempre em grupo de Sussa, levando para fora para cantar e sempre mostrando a nossa cultura, apresentando nossa história, memória e por gostar mesmo e para que essa cultura não acaba, atualmente estou como professor, também tenho o gosto de sempre levar para dentro da sala de aula os cantos de Sussa, trabalhar o canto de Sussa dentro da sala de aula mostrar os versos, estrofes, mostrar eles que é a nossa verdadeira identidade, nossa cultura está ali não pode deixar acabar, mostrando para eles os instrumentos para cantar, que é para que a Sussa aconteça mostrando a arte de fazer Sussa. (Romes, entrevista, 2023).

O entrevistado continua falando da sua trajetória na Sussa e afirma que

[...] é uma verdadeira arte, mostrando ali a dança, vendo as encenações da dança, eu levo para dentro da sala de aula, de educação física mostrando os gestos das pessoas o que seria a arte

e a física da dança da Sussa aprimorando a Sussa. A Sussa na minha vida, eu tenho uma felicidade enorme de ter aprendido, de cantar Sussa nela eu me represento, está a minha história, minha identidade, está no meu sangue também e cada dia aprimorar mais venho crescendo, sendo reconhecido por cantar Sussa em várias cidades, comunidades, onde eu chego me chama, eu sei cantar, dançar e ajudar. (Romes, entrevista, 2023).

Os jovens comentam sua trajetória na Sussa como uma diversão e como compromisso, ou seja, João Paulo não explicitou, mas em vários momentos de sua fala ele diz da importância da Sussa para os jovens, no sentido de não deixar perder essa tradição. Mônica dança com frequência e faz por gosto, além de ter a intenção de envolver outros jovens.

A última vez que eu dancei a Sussa foi no trabalho do colégio lá na romaria do Vão de Almas, no dia 13 de agosto que eu dancei foi uma apresentação do colégio que acontece todo ano na festa. (Grupo Itinerante) que envolve professores e estudantes. E também nas folias que tinha no decorrer desse ano e também meu pai estava girando folia e aí quando tinha Sussa eu dançava quando era remato de folia eu dançava e desde o comecinho lá que minha prima Thaís me ensinou eu vem dançando. (Mônica, entrevista, 2023)

Da mesma forma, Layce dança por gosto e quer dar continuidade à dança, buscando envolver outros jovens. “Eu comecei a dançar na escola, nas festas e até hoje quando tem dança eu gosto de dança demais, agita, tem alegria e felicidade.” (Layce, entrevista, 2023).

5.6 Síntese e sugestões

As entrevistas trouxeram elementos que relembram a trajetória do povo Quilombola Kalunga na construção e reafirmação de sua identidade como Povo e a lembrança da ancestralidade como base. A legitimidade das pessoas mais velhas esteve presente durante as falas pelo fato de ser atribuído a essas pessoas um poder que vem de longe, atravessa séculos e tempos. Ficou evidenciado que a Sussa como manifestação cultural envolve toda a comunidade, mesmo que os jovens não se interessem muito e tem um valor inestimável para a preservação da Cultura e Identidade Kalunga. A Sussa é memória viva de um passado histórico e deve ser preservada e por isso deve se tornar patrimônio imaterial do Povo Kalunga.

Não foi intenção desta pesquisa abordar a discussão sobre a Sussa como patrimônio imaterial do povo Kalunga, mas durante o percurso deste trabalho, desde as primeiras leituras, passando pelas entrevistas e as leituras subsequentes, entendi que teria o dever de sinalizar para a necessidade e a importância de buscar meios de registrar a Sussa como patrimônio imaterial do Povo Quilombola Kalunga.

Fica aqui a sugestão para que as Associações, junto com outras instâncias que representem o nosso Povo comecem esse trabalho. Algumas pesquisas de conclusão de curso da LEdoC UnB já fizeram um movimento em busca de registro da História e da Memória do Povo Kalunga. “História e memória da comunidade Kalunga Engenho II”, de autoria de João Francisco Maia. Neste trabalho (Maia, 2014) sugere a continuidade do seu estudo pela escola e outros espaços a fim de reunir elementos para registro da Memória. Ainda sobre registrar a memória, o trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Educação do Campo.

A pesquisa de conclusão de curso da egressa da LEdoC, Eriene dos Santos Rosa, intitulada “Estudo para o planejamento da criação de um Centro de Documentação e Memória na escola da comunidade Kalunga Engenho II” apresenta alguns passos a serem seguidos para a construção de um Centro de Documentação e Memória e indica a escola da comunidade como o espaço físico para acolher a proposta do Centro e ajudar a impulsionar os estudos articulados à comunidade, à história, memória e identidade do Povo Quilombola Kalunga e suas manifestações culturais. Rosa (2016) Propõe o envolvimento do poder público local, estadual e federal por meio das instâncias próprias. Outros importantes atores apontados pela pesquisado são os movimentos sociais, comunitários e instituições que atuam no Território como a UnB, UFT, UFG, UEG, IF e outras que queiram se somar a essa proposta.

Outra contribuição em busca de Registro vem da pesquisa realizada pelo egresso do Curso de Turismo Patrimonial e Sócioambiental da UFT, *Câmpus Arraias*, Wagner Pereira dos Reis, intitulado “Inventário do Patrimônio Cultural: estudo da Comunidade Kalunga Riachão-Monte Alegre-GO”. Nessa pesquisa Reis (2019), afirma que “[...] a comunidade vem tentando resguardar suas raízes e seu sentimento de pertencimento à cultura quilombola. Sendo essas raízes expressada hoje, através de suas práticas culturais, fazeres e saberes, crenças e entre outras manifestações

passada por gerações.” (Reis, 2019, p. 13). Nesse sentido o pesquisador iniciou um levantamento do patrimônio cultural da comunidade Riachão e usou o diagnóstico participativo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Considero que esse caminho pode servir de referência para o que estou propondo neste trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se efetivou mediante a realização de uma pesquisa que buscou entender registrar a Sussa da comunidade Vão de Almas, uma tradição que veio dos nossos antepassados, que luta para não acabar com as tradições. Procurei registrar o passo a passo da Sussa tradicional no Vão de Almas. O caminho metodológico que percorri foi a minha própria memória e vivência na Sussa, desde criança, as leituras e vídeos sobre o tema.

A pesquisa analisou a importância da Sussa para a comunidade, e pude perceber a relevância do fortalecimento das tradições locais, como a Sussa na vida dos jovens. A Sussa vai além de um divertimento, ela é uma herança que veio dos nossos ancestrais e por isso não podemos deixar que se acabe. A Cultura Quilombola Kalunga não pode ser vista apenas do ponto de vista científico, dos livros, não pode ser vista como ensinamento nas escolas, como conhecimento didático e pedagógico. É muito mais do que isso. Essa Cultura precisa ser trabalhada de modo que as novas gerações possam compreender aquilo que estão vivenciando para poder preservar e fortalecer a memória da comunidade. A dança da Sussa não está nas memórias das pessoas por acaso, mas sim por apresentar forte vínculo da população com as tradições e da Cultura original Quilombola.

Com a pesquisa aprendi que para esse fortalecimento é preciso ter documentos, livros, vídeos, textos e trabalhar nas escolas. Entendo que as escolas têm um papel fundamental, em conjunto com a comunidade, de desenvolver ações, pesquisas, atividades diversas com o interesse de valorizar a Cultura e Identidade do nosso Povo. Os estudantes poderiam também eles mesmos escrever um pequeno livro sobre seus conhecimentos, suas aprendizagens e vivências da Sussa e outras manifestações culturais da comunidade. Poderia também criar um grupo de Sussa na comunidade, envolvendo os jovens, a exemplo do grupo Flores e Frutos

do Quilombo Kalunga. Essas são formas que podem contribuir para manter viva essa tradição. A Sussa Itinerante representa um passo nesse sentido.

7. REFERÊNCIAS

ARANTES, Muryel Moraes; ALMEIDA, Maria Geralda de. **O saber fazer do povo Kalunga na conservação da biodiversidade do Cerrado em Goiás (Brasil)**. *Élisée*, Rev. Geo. UEG - Goiânia, v.1, n.2, p.51-70, jul./dez. 2012.

Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/1291>

Acesso em: 13.06.2024

AQK - ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA KALUNGA. **Grupo de Sussa Flores e Frutos do Quilombo Kalunga**. Direção: Maiana Diniz. Produção executiva: Wanderléia dos Santos Rosa Elder Miranda Jr. Direção de fotografia: Elder Miranda Jr. Edição: Maiana Diniz. Projeto contemplado com recursos da Lei Aldir Blanc. Realização: Ministério do Turismo - Secretaria Especial de Cultura do Governo Federal, Governo de Goiás - Secretaria de Estado de Cultura de Goiás, 27 de jun. 2021. Duração: 30:35.

Disponível em: <https://youtu.be/gJEMd9eLHxA>

Acesso em: 21.01.2022.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS. Nossa História.

Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/120038/comunidade-kalunga-com-suas-tradicoes-e-cultura-e-mostrada-na-serie-nossa-historia-das-redes-sociais-da-alego>.

Acesso em: 9.6.2024

BAIOCCHI, Meire de N. **Kalunga: Povo da terra**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 2006.

BOAL. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 6 ed. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira: 1991.

BRASIL. **Uma história do povo Kalunga**. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Ensino Fundamental (SEF), Brasília: 2001.

CALDART, Roseli S. Educação do campo. In: CALDART, Roseli S.; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 259-267..

CALDART, Roseli S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

COSTA, Vilmar Souza. **A luta pelo território: histórias e memórias do povo Kalunga**. (Monografia). Licenciatura em Educação do Campo, Universidade de Brasília, Planaltina, 2013.

Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/7260>

Acesso em: 15.11.2021.

CUNHA, Adão Fernandes da. **O Calendário Agrícola na Comunidade Kalunga Vão de Almas**: uma proposição a partir das práticas de manejo da mandioca (Dissertação). Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (MESPT). Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/34102>

Acesso em: 15.02.2022

CUNHA, Valdir. F. **Soberania e Segurança Alimentar na perspectiva dos jovens Kalunga da Comunidade Vão de Almas** (Dissertação). Mestrado em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/34403>

Acesso em: 15.11.2021

FARIA, Juliana Bonassa. **Indústria Cultural e Educação do Campo**. Texto trabalhado no componente curricular de linguagens, 2018. (Mimeo.).

FERNANDES, Cecília Ricardo. **O que queriam os Kalungas?** a transformação do olhar acadêmico sobre as demandas quilombolas do nordeste de Goiás. INTERAÇÕES, Campo Grande, v. 16, n. 2, p. 421-431, jul./dez. 2015.

Disponível em:

http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/29859/1/ARTIGO_QueQueriamKalungas.pdf

Acesso em: 23.08.2024

GOUVEIA, Luan Ramos. **Desafios organizativos da resistência quilombola**. 2018, 130 fls. Monografia. (Licenciatura em Educação do Campo) - Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2018.

Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/25775>

Acesso em: 12.09.2022

MAIA, João Francisco. **História e memória da comunidade Kalunga Engenho II**. 2014. 71 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2014. <https://bdm.unb.br/handle/10483/9107>

MINAYO, M. Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, M. Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 9-29.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Lais Mourão. Escola do Campo. In: CALDART, Roseli S.; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 322-328.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Lais Mourão. Licenciatura em Educação do Campo. In: CALDART, Roseli S.; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 468-472.

REIS, Wagner Pereira dos. Inventário do patrimônio cultural: estudo da comunidade Kalunga Riachão - Monte Alegre - GO. 85 f. Monografia (Graduação) - Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental, Universidade Federal do Tocantins, Arraias, 2019.

Disponível em:

<http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2653>

Acesso em: 26.01.2024

ROSA, Wanderléia dos Santos. **Rezas, rezadeiras e juventude na comunidade Vão de Almas, Cavalcante - GO**. 2013. 55 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2013.

Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/7320>

Acesso em: 15.11.2021

ROSA, Eriene dos Santos. Estudo para o planejamento da criação de um centro de documentação e memória na escola da comunidade Kalunga Engenho II. 2016. 48 f. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2016.

Disponível em:

<https://bdm.unb.br/handle/10483/13575>

Acesso em: 26.01.2024

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. **História, memória e identidade**. Faculdade UnB Planaltina 2010 (dig.).

SARAIVA, Vitor; CAVALCANTI, Edu; ROSA, Romes dos Santos. (Produção e Direção). **Sussa: Tradições Kalunga (Vão de Almas - GO)**. Edição de finalização: Vitor Saraiva. Projeto contemplado com recursos da Lei Aldir Blanc. Realização: Ministério do Turismo - Secretaria Especial de Cultura do Governo Federal. Governo de Goiás, Secretaria de Estado de Cultura de Goiás, 30 de ago 2021. Duração: 1:03:43

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=8m5F_bMixY

Acesso em: 18.9.2023

SIQUEIRA, Thaís Teixeira de. **Do tempo da sussa ao tempo do forró: música, festa e memória entre os Kalunga de Teresina de Goiás**. 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SOUZA, Lourdes Fernandes de. Letramento e história de vida: as memórias de Procópio dos Santos Rosa da comunidade Kalunga - Riachão Monte Alegre - GO. 2014. 63 f. il. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2014.

Disponível em:

<https://bdm.unb.br/handle/10483/9980>

Acesso em: 26.01.2024

PAIXÃO, Adriane Ribeiro; ROSA, Nelcina dos Santos. Teatro nas comunidades periféricas. Trabalho do componente curricular Teatro: teoria e história. Professor Rafael Litvin Villas Bôas. UnB FUP, s/d. (dig.) p. 1-6.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. FACULDADE UNB PLANALTINA. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo**. Planaltina, DF, 2024.

VELOSO, Graça. **Repertório**, Salvador, nº 26, p.88-94, 2016.1

VIRGENS, Diana Pereira das. **Saberes populares presentes na tradição da sussa na comunidade kalunga Vão de Almas**. (Monografia). Licenciatura em Educação do Campo - Habilitação em Artes Visuais e Música, Universidade Federal do Tocantins. Arraias, 2023.

Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/6557>

Acesso em: 09.09.2024

Vídeos

Grupo de Sussa Flores e Frutos do Quilombo Kalunga.

Data: 27 de jun. 2021. Duração: 30:35.

Disponível em: <https://youtu.be/gJEMd9eLHxA>

Acesso em: 21.01.2022.

Sussa - Tradições Kalunga (Vão de Almas - GO)

Data: 30 de ago. de 2021

Duração: 1:03:43

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8m5F_bMixYE

Acesso: 18.09.2023.

Império e as suas raízes.

Data: 21 de nov. de 2019

Duração

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L2X6oepr8Ac>

Acesso em: 21.01.2023

Link do vídeo da Sussa que foi apresentado no dia da defesa.

Data: 23.12.2023

Duração: 1 min 28 seg.

<https://youtu.be/JyWqulx0KwA?feature=shared>

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido das/os Participantes da Pesquisa.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DAS/OS PARTICIPANTES DA PESQUISA:

Pesquisa realizada pela graduanda em Educação do Campo, área de Linguagens, Arte e Literatura, Nelcina dos Santos Rosa. RG _____ Órgão emissor _____ CPF nº _____

telefone _____ (); endereço eletrônico _____:

Coordenadora da pesquisa: Prof^a Dr^a Maria Osanette de Medeiros (osanette@terra.com.br)

O objetivo geral da pesquisa é analisar a importância da Sussa para a comunidade Vão de Almas para mostrar aos jovens que essa cultura não pode se acabar. Além de ser herança dos nossos ancestrais, é um divertimento. Os dados gerados irão compor uma produção escrita, em forma de monografia e poderão ser utilizados em eventos acadêmicos, científicos e didáticos, e encaminhados para publicação, tanto na área de educação, quanto em áreas afins.

As(os) participantes da pesquisa a fazem de forma voluntária e são livres para, a qualquer momento que desejarem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem-se a participar ou retirar seu consentimento de participação, sem qualquer prejuízo a elas(eles) mesmas(os) e à pesquisadora. Asseguramos total sigilo das informações, depoimentos e dos dados fornecidos, utilizando pseudônimo para manter o anonimato de sua identidade, para aquelas(es) que desejarem, dentro dos princípios éticos da pesquisa.

Eu, _____

Carteira de identidade nº _____

Telefone (DDD) _____

Declaro que li este documento e quadro-síntese da pesquisa. Entendi os propósitos da mesma e sinto-me esclarecida(o) a participar da pesquisa, dando o meu consentimento livre, inclusive para uso de imagem e voz.

Assinatura: _____

Data: _____

APÊNDICE B - Roteiro das Entrevistas para três grupos; pessoas mais velhas, pessoas adultas e pessoas jovens.

Identificação:

Nome completo:

Idade _____

Sexo: Feminino () Masculino ()

Número de filhos

Homens _____

Mulheres _____

Quantos deles cantam e dançam a Sussa?

Homem () Mulher ()

1. Com que idade você aprendeu a dançar a Sussa?

1. Quem lhe ensinou a dançar a Sussa?
2. O que motivou você a dançar a Sussa? Você aprendeu a dançar porque gostava ou por incentivo dos pais? Outro motivo.
3. Você continua dançando até hoje?
4. Em sua opinião, o que está levando o desinteresse dos jovens pela dança?
5. Em sua opinião, porque a dança não deve ser esquecida?
6. Qual é a importância da Sussa para senhora, para os adultos e os /jovens?
7. Quantas horas de Sussa já dançou em uma noite ou festa?
8. Você tem alguma música que gosta de dançar? Qual?
9. Houve algumas mudanças na dança dos antepassados até hoje? Quais?
10. Quais as músicas que seus pais cantavam para você dançar?
11. Qual o tipo de roupa é melhor para dançar?
12. Você prefere dançar calçada ou descalço?
13. Pode falar um pouco da sua trajetória na dança Sussa?

ANEXO 1 - Instrumentos da Sussa (figuras de 11 a 14)**Figura 11 - Violão**

Fonte: Nelcina dos Santos Rosa, 2023

Figura 12 - Pandeiro

Fonte: Nelcina dos Santos Rosa, 2023

Figura 13 - Bruaca - tocada por mulheres



Fonte: Nelcina dos Santos Rosa, 2023

Figura 14 - Caixa (Tambor)



Fonte: Nelcina dos Santos Rosa, 2023